

# Comportamentos de Afirmação Homossexual

Volume I

**Dissertação de Mestrado**



Beatriz Fernandes Santos

Leiria, setembro, 2016

Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA



Beatriz Fernandes Santos

# Comportamentos de Afirmação Homossexual

Volume I

Dissertação apresentada na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria para obtenção do grau de Mestre no mestrado de Mediação Intercultural e Intervenção Social. O presente trabalho foi orientado pela Professora Doutora Ana Maria Sousa Neves Vieira.

Leiria, setembro, 2016



*Eu sou contra a tolerância, porque ela não basta. Tolerar a existência do outro e permitir que ele seja diferente ainda é pouco. Quando se tolera, apenas se concede, e essa não é uma relação de igualdade mas de superioridade de um sobre o outro.*

José Saramago



## AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos serão sempre muito formais, quando na verdade os trabalhos que nos levam a agradecer são os mais informais. Foram as horas apertadas, os *e-mails* aos feriados, domingos, madrugadas... Se fosse algo tão formal, não seria assim tão humano quanto a professora Ana Maria Vieira, orientadora desta dissertação, veio a demonstrar. Foi a minha primeira escolha para orientadora e a mais acertada. Tal como veio a confirmar, é um ser verdadeiramente humano. Recordarei sempre o meu percurso académico com um especial carinho por si, que sempre revelou ser mais do que professora. Obrigada.

Agradeço também à pessoa que, mais do que ninguém, me acompanhou nesta passagem. Cuidou de mim e levantou-me a cabeça nos momentos em que eu não conseguia fazê-lo. Ralhou e resmungou comigo quando não queria ir para o computador trabalhar. Limpou-me todas as lágrimas e deixou-me a sorrir para mais um dia. Sofia, por me agarrares quando as minhas pernas falharam e por não me deixares cair, por todo o apoio e dedicação. Obrigada.

Por fim, mãe, por todas as chamadas preocupadas e apoio que me deste. Apesar da distância nunca senti que estivesses longe. Por seres a mãe que és, a mãe que preciso e que, independentemente de tudo, estarás sempre do meu lado. Obrigada.



## **RESUMO**

Este trabalho visa a compreensão dos comportamentos de afirmação da homossexualidade, nos seis casos inseridos neste estudo. Contempla a exploração de dificuldades, passagens, pensamentos e comportamentos sentidos por todos aqueles que, de alguma forma, se afirmam homossexuais. A presente investigação visa uma compreensão holística e hermenêutica dos comportamentos de afirmação homossexual estudados. Assim, não será possível fazer uma generalização das informações e conclusões obtidas, para todos os homossexuais. Todos os dados e informações foram recolhidos a partir de entrevistas etnobiográficas, observação participante e exploração bibliográfica. Com este trabalho concluí que, mesmo mantendo o segredo em diversos contextos, cada vez menos se sente o tabu do pecado e do medo. A afirmação perante os pais é claramente um momento marcante para todos os envolvidos, onde a mediação intra e interpessoal (Torremorell, 2008, p. 70) é fundamental. Numa primeira instância, é no contexto social entre amigos onde decorre a afirmação. É também onde os casos objeto de estudo se sentem livres e integrados (Frazão 2008, p. 32). Por outro lado, o contexto social, como espaços públicos ou plena rua, tende a incorporar o preconceito o que leva os entrevistados a não se exporem em público. Vários “eus” são criados, vividos e sentidos (Vieira, 2003, p. 86, cit. por Vieira & Vieira, 2016, p. 111) de forma a que todos os seis casos possam verdadeiramente viver aquilo que sentem e são.

### **Palavras-chave**

Afirmação, mediação intrapessoal, família, homossexualidade, mediação intercultural, multicasos.



## **ABSTRACT**

This work aims the comprehension of the behavior of the homosexual coming out in the six cases inserted in this study. Contemplates the exploration of the difficulties, transition, thoughts and behavior felt by all of those who, somehow, consider themselves homosexual. The present investigation aims at an holistic and hermeneutic understanding of the behaviors of the studied homosexual coming out. Therefore, it won't be possible to make a generalization on obtained information and conclusions upon all homosexuals. All of the data and informations were gathered based on etnobiographical interviews, participant observation and bibliographical research. By this investigation I've concluded that even keeping the secret in several contexts the taboo of sin and fear is less and less felt. The coming out for the parents is clearly a memorable moment for all of those involved, where intra and interpersonal mediation (Torremorell, 2008, p. 70) is key. At first, it's in the social context among friends where the coming out occurs. It also occurs where the object of study feel free and integrated (Frazão 2008, p. 32). On the other hand, the social context like public spaces or just the public streets tend to incorporate prejudice which leads the interviewed ones to not expose themselves in a public way. Many "selvs" are created, lived and felt (Vieira, 2003, p. 86, cit. por Vieira & Vieira, 2016, p.111) so that all six cases can live what they truly feel and are.

### **Keywords**

Coming out, intrapersonal mediation, family, homosexuality, intercultural mediation, multicases.



# ÍNDICE GERAL

Agradecimentos .....	vii
Resumo .....	ix
Abstract.....	xi
Índice Geral .....	xiii
Índice de Figuras.....	xv
Abreviaturas.....	xvii
Introdução .....	1
Capítulo 1 - Enquadramento teórico.....	3
Contextualização histórica em Portugal .....	4
Conceitos e denominações.....	5
A escala de Kinsey.....	9
Teorias explicativas .....	10
O processo de <i>Coming out</i> .....	11
Capítulo 2 - A Mediação.....	15
Capítulo 3 - Metodologia e universo de estudo .....	21
Capítulo 4 – Apresentação dos entrevistados .....	23
Biografia de Sónia .....	23
Biografia de Rui.....	24
Biografia de Fábio .....	24
Biografia de Fábia.....	25
Biografia de Will .....	25
Biografia de Gonçalo .....	26
Qual é a tua orientação sexual? .....	27
Como é que descobriste? .....	27
Como é que saíste do armário? Da tua família quem sabe? .....	30

E os teus amigos e colegas sabem?.....	33
Que reações obtiveste quando te afirmaste? Surpresas e/ou desilusões....	36
Quais os motivos que te levam a afirmar a homossexualidade? .....	41
Quais os motivos que levam à não afirmação da homossexualidade? .....	44
Em público, como é ser homossexual?.....	46
Capítulo 5 - Discussão de resultados .....	51
Qual é a tua orientação sexual? .....	51
Como é que descobriste? .....	51
Como é que saíste do armário? Da tua família quem sabe? .....	52
E os teus amigos e colegas sabem?.....	52
Que reações obtiveste quando te afirmaste? Surpresas e/ou desilusões....	54
Quais os motivos que te levam a afirmar a homossexualidade? .....	55
Quais os motivos que levam à não afirmação da homossexualidade? .....	56
Em público, como é ser homossexual?.....	57
Conclusões .....	61
Bibliografia .....	65

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Escala de Kinsey .....	9
Figura 2- A mediação através das dimensões relacionais do ser humano. (Torremorell, 2008: 71) .....	18



## **ABREVIATURAS**

AMPLOS – Associação de Mães e Pais pela Liberdade de Orientação Sexual e Identidade de Género;

ILGA – Intervenção lésbica, gay, bissexual e transgénero;

LGBT - lésbica, gay, bissexual e transexual.



## INTRODUÇÃO

A homossexualidade sempre foi vivida mas o conhecimento sobre origens e porquês é pouco. Ainda mais desconhecido é o processo de afirmação, autorreconhecimento e aceitação de si próprio e perante os outros. Socialmente dito, o *coming<sup>1</sup> out* ou sair do armário, trata-se da afirmação da sua orientação sexual, sendo este o ponto de maior interesse nesta investigação.

No contexto da mediação, procuro com esta investigação compreender o processo de afirmação da homossexualidade, podendo ser esta afirmação apenas perante si mesmo, ou de uma forma mais abrangente, perante a família, os amigos, colegas de trabalho, etc. Procuro observar, de uma forma holística, de que forma é mediada, gerida e trabalhada esta particularidade, que é a orientação sexual, na vida e no quotidiano daqueles que a vivem e sentem.

Assim, a minha motivação tem a ver com o facto de esta temática ser diferente e pouco óbvia, e, muitas vezes, algo retraída. Trata-se de algo que ainda nos dias de hoje leva a sociedade em geral a ir pelo caminho mais fácil, o caminho do preconceito, da discriminação e até da exclusão.

Quanto à metodologia utilizada nesta investigação, posso adiantar que me centrei num paradigma da complexidade com metodologias de carácter compreensivo e interpretativo. Dado tratar-se de um tema muito íntimo, pessoal e específico, creio que esta metodologia, aliada à entrevista etnobiográfica semiestruturada, seria o meio de obter dados, testemunhos e informações de uma forma mais rica, profunda e émica. Todas as entrevistas foram realizadas sempre com um carácter voluntário no que respeita à participação nesta investigação. Todas elas foram gravadas, com o consentimento do entrevistado.

É de salientar que, a presente investigação, indigita uma compreensão holística e uma posição hermenêutica perante os comportamentos de afirmação homossexual estudados (seis casos). Desta forma, não se pretende de modo algum fazer uma

---

<sup>1</sup> *Coming out* - significa afirmar-se, revelar a sua orientação sexual seja perante si mesmo ou perante outros. Mais informações referente ao conceito nas páginas 11 a 14 deste trabalho.

generalização das informações e conclusões obtidas, para casos exteriores à investigação.

Quanto à estrutura deste trabalho, este está dividido em 5 capítulos. No primeiro capítulo encontra-se o Enquadramento Teórico, onde será possível inteirar-se sobre o tema em estudo através de uma breve contextualização histórica, conceitos, teorias explicativas e o processo de *coming out*. Este capítulo serve essencialmente para elucidar possíveis dúvidas ou esclarecer de ante mão possíveis termos e questões referidos ao longo de todo o trabalho.

De seguida, no capítulo 2, encontra-se a mediação. Estando esta dissertação inserida no âmbito do mestrado de Mediação Intercultural e Intervenção Social, parece-me fazer todo o sentido incluir um capítulo onde seja possível compreender o que é a mediação. Assim, neste capítulo encontra-se uma caracterização do conceito de mediação bem como as suas particularidades e aplicabilidade no contexto em estudo.

No capítulo 3, é apresentada a metodologia aplicada e o universo em estudo. São expostos quais os métodos utilizados ao longo da investigação e porquê. Também o universo em estudo se encontra descrito, caracterizado e justificado neste terceiro capítulo.

É no capítulo 4 que encontramos a apresentação dos entrevistados. Começa com uma breve biografia de cada um dos entrevistados e logo de seguida uma primeira exploração das informações obtidas. Trata-se da exploração de tudo o que foi concebido e obtido até então. Quanto à estrutura deste capítulo, encontra-se repartido em tópicos retratados ao longo das entrevistas bem como as diferentes opiniões recolhidas. Assim, desta forma, foi possível obter uma análise simples, de fácil leitura, interpretação e compreensão.

Segue-se no capítulo 5 a análise e discussão dos resultados. Aqui, sob orientação dos mesmos tópicos do capítulo anterior, é feita a análise e interpretação mais aprofundada onde, posteriormente, são apresentadas algumas conclusões referentes aos seis casos estudados. Por último, as conclusões findam toda a investigação.

## CAPÍTULO 1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A diversidade existente de obras sobre a sexualidade é bastante vasta, no entanto, obras referentes apenas a aspetos relativos ao processo de *coming out* já não se verifica o mesmo. “A sexualidade constituiu-se como domínio central da nossa existência” refere Brandão (2008, p. 11), e por isso, tenciono com esta investigação compreender e interpretar de uma forma holística os mais diversos aspetos referentes à afirmação de cada um dos elementos estudados. Urge cada vez mais a necessidade de integração, compreensão e aceitação das mais diversas orientações sexuais que por vezes, tendem a cair na ridicularização, secretismo e vergonha.

Torremorell defende que “as relações interpessoais são fonte constante de aprendizagem e de construção de significações sociais partilhadas” (Torremorell, 2008, p. 70) e, por isso mesmo, mais do que nunca, a mediação deve ser pensada também para estes casos, seja mediação intrapessoal, “como formação integral”, mediação interpessoal “como processo que vincula convivência” e social “como cultura” (Torremorell, 2008, p. 70).

Até aos anos 80 do séc. passado, a homossexualidade era vista como doença (algo imutável) ou pecado (algo mutável) (Fonseca, 2003, p. 361). Só a partir de 1973, a Associação Psiquiátrica Americana alterou a designação da homossexualidade de “doença” para “perturbação” da orientação sexual. Perante a ciência, a homossexualidade já não é uma doença, mas as dúvidas sobre origens e comportamentos continuam por clarificar. Com a designação de doença retirada da homossexualidade, hoje consideram-se várias alternativas do desejo sexual. “Fazendo um balanço, a partir dos anos 90 muita coisa mudou. As sexualidades não heterossexuais adquiriram maior espaço de debate e foram conquistando direitos sociais e políticos” (Aboim, 2013, p. 72). Em Portugal, os assuntos LGBT<sup>2</sup> nem sempre são vistos como uma prioridade. Verificamos, que só no presente ano 2016 foi aprovada a adoção<sup>3</sup> por parte que casais homossexuais.

---

<sup>2</sup> Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais

<sup>3</sup> Lei n.º 2/2016, de 29 de Fevereiro (cf. Anexo D)

## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA EM PORTUGAL

Fazendo uma retrospectiva dos marcos e passagens de destaque, no caso português, em 1982 através de uma Revisão do Código Penal, a homossexualidade deixa de ser considerada um crime e é extinta a punição. A partir desse momento a homossexualidade "entre adultos, livremente exercida e em recato" transcende para domínio dos atos não puníveis.

Olhando para o virar do século, em 2001, foi reconhecido o direito à união de facto por parte de casais homossexuais, através da Lei n.º 7/2001<sup>4</sup>, de 11 de Maio. Em 2004, a orientação sexual é incluída na constituição portuguesa como algo pelo qual “ninguém pode ser (...) prejudicado, privado de qualquer direito”, presente na Lei Constitucional n.º 1/2004 de 24-07-2004,<sup>5</sup> Artigo 4.º

Em 2005, o Instituto Português do Sangue, autorizou oficialmente a doação de sangue por parte de homossexuais e bissexuais. Porém, em 2009, esta decisão foi revogada, pelo presidente do instituto, alegando que os homossexuais são “promíscuos e perigosos” (Aboim, 2013, p. 69).

Sob o ponto de vista educativo e multicultural, em 2009, o ensino da sexualidade nas escolas contemplou o respeito à diversidade e por isso incluiu no programa o respeito, ensino e explicação referente às pessoas LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais).

As passagens de maior impacto na comunidade LGBT em Portugal, são bastante recentes como a aprovação do casamento homossexual em 2010. Através da Lei n.º 9/2010<sup>6</sup>, de 31 de Maio, a Assembleia da República passou a permitir o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo.

No que respeita à possibilidade e ao acesso à adoção, apadrinhamento civil e restantes relações jurídicas por parte de casais homossexuais, esta só veio a ser aprovada

---

<sup>4</sup> Lei n.º 7/2001, de 11 de Maio (cf. Anexo A)

<sup>5</sup> Lei n.º 1/2004, de 24 de Julho (cf. Anexo B)

<sup>6</sup> Lei n.º 9/2010, de 31 de Maio (cf. Anexo C)

a 29 de fevereiro de 2016 com a Lei n.º 2/2016<sup>7</sup>. Esta aprovação veio pôr fim à discriminação sentida por parte de casais homossexuais, que se viram limitados a adoção de crianças, apenas por constituírem uma família com dois membros do mesmo sexo.

## **CONCEITOS E DENOMINAÇÕES**

O mundo da homossexualidade contempla diversos termos, antes de mais penso ser necessário apresentar alguns deles e os seus respetivos significados. Compreender a homossexualidade de uma forma holística, implica conhecer as suas facetas, especificidades e expressões associadas. Assim, num género de glossário fluido, surgem algumas denominações que irão acompanhar este trabalho.

Começando pela base, importa compreender o que é a orientação sexual. Trata-se do “tipo de objetos pelos quais o individuo se sente sexualmente atraído e em relação aos quais se orientará ou dirigirá o seu desejo sexual” (López e Fuertes, 1999, p. 111). No fundo é a quem se dirige o nosso desejo sexual, tendo em consideração o nosso sexo. “A orientação sexual não é algo de rígido que permaneça sempre igual durante toda a vida da pessoa” (Nodin, 2002, p. 141). Qualquer um de nós pode ter ao longo da sua vida variação no que respeita à atração sexual, podendo ter fases em que tem maior atração pelo sexo feminino e em outras fases de vida, sentir maior atração pelo sexo masculino. Podemos encarar a orientação sexual “como um contínuo que vai da homossexualidade exclusiva à heterossexualidade exclusiva, com uma serie de alternativas possíveis pelo meio” (Nodin, 2002, p. 141).

Embora relacionados, os conceitos de identidade sexual e identidade de género são distintos. Desta forma, importa esclarecer cada um deles. No que refere à identidade sexual, essencialmente, trata-se da caracterização de cada um de nós no que respeita à sua sexualidade e tudo o que ela envolve (Nodin 2002, p. 146). “Engloba dimensões como sejam a identidade de género, a orientação sexual, as fantasias, o desejo e os comportamentos sexuais” (Nodin 2002, p. 146). No fundo, a identidade sexual, trata-se da personalidade sexual que caracteriza cada um na sua individualidade. É a

---

<sup>7</sup> Lei n.º 2/2016, de 29 de Fevereiro (cf. Anexo D)

identificação que fazemos no que respeita à nossa sexualidade e à forma como a vivemos e sentimos.

Sobre a identidade de género, a ILGA<sup>8</sup>, explica que “cada uma e cada um de nós tem uma identidade de género: identificamo-nos, por regra, como mulheres ou como homens. É esta a identificação psicológica que constitui a identidade de género de uma pessoa”. Assim, a identidade de género é, a associação psicológica que fazemos no que respeita ao género.

No que refere aos tipos de orientação sexual, começo por esclarecer a heterossexualidade. Esta orientação trata-se da “preferência amorosa e sexual por parceiros do sexo oposto” (Nodin, 2002, p. 135). Esta orientação sexual é considerada como o padrão mais comum, normal e natural da sociedade. Outra orientação sexual, é a homossexualidade. No fundo, “o homossexual, é um indivíduo, homem ou mulher, que tem atração sexual por membros do mesmo sexo” (Suplicy, 1983, p. 260). “Homossexual combina a palavra grega que significa «o mesmo» e a palavra latina que significa «sexo»” (Marcus, 1999, p. 23). Assim, significa que uma pessoa homossexual procura, prazer, satisfação, amor e compreensão, numa pessoa do mesmo sexo. Não podendo afirmar que se trata de uma escolha, mas sim uma característica da sua personalidade, que cresce e se desenvolve com o mesmo. Esta denominação pode ser atribuída a homens ou a mulheres. Ainda sobre a homossexualidade, é algo muito comum atribuir a denominação *gay*. Esta, trata-se de uma palavra derivada do inglês e significa “alegre”, tornando-se uma denominação “gíria” (Marcus, 1999, p. 25), indo ao encontro do significado de homossexual. Poderá ser considerado como um sinónimo de homossexual, acabando muitas vezes por “dizer-se que gay é um homossexual” (Nodin, 2002, p. 118). Trata-se de um termo que, à partida, transmite aceitação e à vontade perante a sua orientação sexual, podendo por vezes ser associado à figura mais extrovertida e exuberante dos homossexuais.

Esta denominação (*gay*) pode igualmente ser utilizada no caso de se tratar de um homem ou uma mulher (Marcus, 1999, p. 25). A palavra lésbica, é a “denominação da

---

<sup>8</sup> Intervenção lésbica, gay, bissexual e transgénero.

condição homossexual numa mulher” (Ocaña, 2007, p. 86). Deriva do nome de uma ilha grega Lesbos, local onde vivia a poetisa Safo que escrevia sobre o amor entre mulheres. Significa a atração sexual, desejo e prazer numa relação de mulher para mulher.

Outra orientação sexual é a bissexualidade. Esta orientação consiste em ter “sentimentos significativos de atração sexual por homens e por mulheres” (Marcus, 1999, p. 26). Pessoas bissexuais sentem-se sexualmente atraídas por pessoas de ambos os sexos. Não significa que sejam atrações simultâneas, apenas significa que não ficam limitadas a um só sexo. No fundo, “um bissexual é uma pessoa cujo desejo sexual se dirige a homens e a mulheres” (Nodin, 2002, p. 41). Para além das orientações sexuais já descritas, também a assexualidade deve ser notada. Tal como outras orientações sexuais, a assexualidade é uma manifestação da sexualidade humana. Nas orientações supracitadas, existe um sentimento de atração sexual entre os sexos, no caso da assexualidade não existe atração sexual. No fundo, a assexualidade caracteriza-se pela falta de atração sexual.

Após compreender as diferentes orientações sexuais existentes, torna-se imperativo explicar a sigla LGBT<sup>9</sup>- lésbica, gay, bissexual e transexual<sup>10</sup>. A sigla apresentada surgiu em 1970, com a marcha que marcou o primeiro aniversário dos «motins do Stonewall», um bar gay onde a violência policial era frequente. Numa noite de rusga policial, no bar Stonewall, ergueu-se a revolta contra as forças policiais. Seguiram-se protestos bem como manifestações de apoio aos homossexuais que sofreram de violência nas mãos das forças policiais. Desta forma surgiu uma sigla capaz de simbolizar, descrever e abranger as vítimas dos «motins do Stonewall» tendo em consideração que eram violentados devido às suas diferentes identidades sexuais. No que refere a símbolos LGBT, considero também pertinente explicitar o significado da bandeira arco-íris. Esta bandeira surgiu como símbolo do orgulho gay e lésbico em 1978, nos Estados Unidos da América. Foi originalmente o símbolo das Marchas Gay

---

<sup>9</sup>Rede Ex Aequo. A origem do Movimento Civil LGBT. Acedido em maio, 20, 2016 em <https://www.rea.pt/movimento-lgbt/>

<sup>10</sup> Transexual é a pessoa “cuja identidade de género não corresponde ao sexo que lhes foi atribuído e registado no assento de nascimento. Um homem transexual tem portanto uma identidade de género masculina (e o sexo atribuído à nascença foi o feminino)”. O mesmo se aplica à mulher transexual, em que a identidade de género é feminina, no entanto o sexo atribuído foi o masculino. Mais informações sobre a temática em: <http://ilga-portugal.pt/ficheiros/pdfs/souumapessoa.pdf>.

(em São Francisco) e representa “a diversidade das pessoas gays e lésbicas; depois disto o arco-íris e a bandeira do arco-íris foram adotados como símbolos de todo o movimento LGBT.”<sup>11</sup>

Um dos aspetos de maior relevância nesta investigação é o processo de *Coming out* ou sair do armário - fazendo uma tradução literária significa vir para fora, ou para o exterior. Marcus explica que, “o «armário» é simplesmente uma metáfora usada para descrever o local onde as pessoas gay e lésbica guardam escondida a sua orientação sexual (...) atrás da porta” (Marcus, 1999, p. 67). Na análise de Moz (2011), sobre a obra *A Chave do Armário — Homossexualidade, Casamento, Família*, da autoria de Almeida (2009), o armário trata-se de um segredo mantido com vista a evitar possíveis discriminações referentes à orientação sexual. Perante Monteflores e Schultz (cit. por Frazão 2008, p. 30) trata-se de um “processo de desenvolvimento, através do qual os gay’s e as lésbicas reconhecem as suas preferências sexuais e escolhem integrar esse conhecimento nas suas vidas pessoais e sociais” Assim, significa afirmar-se, revelar a sua orientação sexual seja perante si mesmo ou perante outros. Cada “saída do armário” é diferente. Depende do que cada um sente como afirmação, podendo ser afirmação e reconhecimento de si próprio, como à família, ou entre amigos.

A afirmação nem sempre decorre, muitas vezes devido ao facto de existir discriminação relativamente à homossexualidade. Estamos a falar de um tipo de discriminação específico ao qual se dá o nome de homofobia. Segundo Nodin, a homofobia trata-se do “medo da homossexualidade, que habitualmente se manifesta através do desdém, gozo ou agressividade em relação homossexuais (gay’s ou lésbicas)” (Nodin, 2002, p. 139). Na obra “a sexologia” (Fonseca, 2003, p. 362), a autora apresenta alguns dos motivos/argumentos que explicam as atitudes negativas perante a homossexualidade como a oposição a um comportamento “não natural”, uma vez que não se trata do típico comportamento considerado como norma, entre homem e mulher como relação saudável e natural. Também é considerada a defesa em relação à sua própria homossexualidade, o medo de se assumir levanta uma barreira protetora,

---

<sup>11</sup> Rede Ex Aequo. Glossário LGBT. Acedido em agosto, 20, 2016 em [www.rea.pt/glossario-lgbt/](http://www.rea.pt/glossario-lgbt/)

produzindo uma posição de desprezo e gozo perante outros casos. A oposição ao sexo “não reprodutivo” é, também, considerado um motivo. Uma vez que a reprodução de modo natural não é possível neste formato de casal, pode ser apontado como algo errado e dito contranatura. Podendo ser considerada uma ameaça às normas sociais de distinção entre gêneros e papéis do masculino e feminino, persiste um medo de perda de valores morais e de papéis na sociedade onde os papéis são cada vez mais fluidos. Podem ainda consideram a homossexualidade algo anormal simplesmente por ser um modo de vida diferente da norma social adquirida. Também a religião e igreja estão patentes no que respeita à homofobia, transportando a ideia de pecado e de desrespeito perante Deus.

### **A ESCALA DE KINSEY**

De forma a considerar a diversidade existente na sexualidade humana, Alfred Kinsey, antropólogo e biólogo, concebeu uma escala de classificação onde traçou pontos de identificação em que cada pessoa sente que se situa, indicando assim qual a sua orientação sexual (Marcus, 1999, p. 27).

<b>Nível</b>	<b>Descrição</b>
0	Exclusivamente heterossexual
1	Predominantemente heterossexual, apenas eventualmente homossexual
2	Predominantemente heterossexual, embora homossexual com frequência
3	Bissexual
4	Predominantemente homossexual, embora heterossexual com frequência
5	Predominantemente homossexual, apenas eventualmente heterossexual
6	Exclusivamente homossexual
X	Assexual

*Figura 1 - Escala de Kinsey*

Ao criar esta escala, no final da década de 1940, Kinsey, remexeu com a sexualidade de homens e mulheres, expôs muitos tabus, e provocou um alvoroço nas mentalidades fixadas entre os extremos heterossexuais e homossexuais, afirmando existir níveis intermédios (Aboim, 2013, p. 27).

Numa escala definida entre zero a seis, para além dos seis níveis, a escala termina com um nível não numerado o assexual. Nesta são descritos comportamentos que classificam qual a orientação sexual em que cada um se situa. Pensando em comportamentos e atitudes cada um de nós, olhando para a escala, será capaz de se situar e identificar-se com o descrito. A escala percorre desde o número 0, como exclusivamente heterossexual, passando por pontos intermédios até ao nível 6 de exclusivamente homossexual. Caso não se enquadre em nenhum dos níveis numerados, será considerado assexual.

Tal como já foi referido, a orientação sexual é algo que não é estanque na nossa vida. Tal como a identidade de cada um de nós, é importante olhar para a orientação sexual como algo dinâmico. Através das mais diversas interações “onde o indivíduo percorre o caminho entre o *nós* e o outro que vai descobrindo” (Vieira, 2009, p. 15) também a sua identidade sexual.

## **TEORIAS EXPLICATIVAS**

Para efeitos de investigação, Moita (2006, p. 61) reuniu um grupo de discussão de clínicos, psiquiatras e psicólogos, onde conseguiu reunir algumas teses etiológicas que procuram explicar a homossexualidade sendo elas no total quatro.

A primeira tese apresentada pela autora trata da transgressão dos papéis de género dos modelos de identificação. Nesta visão considera-se que a homossexualidade surge como um “desvio” inicial proveniente dos progenitores, ou seja, os papéis a desempenhar no seio familiar entre o pai e a mãe, vão de encontro aos típicos e tradicionais papéis a desempenhar no seio familiar. Os papéis desempenhados na família, outrora rígidos e inflexíveis, entre o papel mãe/pai e mulher/homem, são hoje e cada vez mais fluidos e líquidos, podendo conduzir a diferentes interpretações e ensinamentos de papéis.

Outra tese apresentada é que a homossexualidade surja como uma falha no processo de desenvolvimento (Moita 2006, p. 62). A homossexualidade é tida como um elemento estrutural da personalidade e por isso é interpretada como *paranoide* ou *borderline* da personalidade ou ainda, personalidade narcísica. Ainda referente a esta teoria, considera-se que a homossexualidade surge como uma falha no desenvolvimento no que respeita à capacidade afetiva.

Moita apresenta também a teoria de que homossexualidade trata-se de uma aprendizagem desadequada (Moita 2006, p. 63). Explica que através de aprendizagens desajustadas cria-se uma interpretação onde outros comportamentos alternativos são considerados corretos, exemplo disso é a insatisfação de mulheres nos relacionamentos com homens, que pode induzir a comportamentos homossexuais como escape à insatisfação.

Como última tese explicativa da homossexualidade surge a ideia de que se trata de uma determinação biológica (Moita 2006, p. 66). Nesta teoria são consideradas válidas questões como genética e questões hormonais.

## **O PROCESSO DE *COMING OUT***

No núcleo desta pesquisa, encontra-se o *coming out* e o seu desenvolvimento. Assim, urge a necessidade de compreender em que consiste o processo de *coming out* ou afirmação bem como as diferentes etapas que o mesmo contempla.

Neste trabalho, são apresentados três modelos que caracterizam o processo de *coming out*. Considerei pertinente a apresentação dos três modelos uma vez que todos eles contemplam diferentes etapas, que nos levam a refletir sobre as diferentes formas de afirmação e aceitação de si próprios.

É de salientar que todos os modelos apresentados são alvos de críticas, uma vez são rígidos e lineares. Uma vez que não existe um modelo que contemple toda a diversidade de situações e afirmações existentes, os seguintes modelos apresentados expõem fases, que de uma forma geral são comuns em muitos casos, não sendo algo fielmente aplicável a todos. Apresento, por ordem cronológica, o modelo de Cass,

desenvolvido em 1979, de seguida, o modelo de Coleman de 1982 e, por fim, o modelo mais recente, 2002, de Ritter e Tendrup.

Cass (1979 cit. Por Frazão 2008, p. 31), apresenta um modelo clássico, repartido por seis etapas. A primeira etapa é a confusão da identidade, fase onde ocorrem as primeiras suspeitas de algo diferente. Constatação de que algo que era para si inaceitável poderá vir a ser a sua realidade. Segue-se a comparação da identidade. Decorre nesta fase uma exploração da diferença sentida, via comparação, é pensada a possibilidade se ser homossexual embora os comportamentos associados sejam negados. Na fase tolerância da identidade, a homossexualidade começa a ser vista como uma realidade e, assim, existe uma procura da satisfação de necessidades “sexuais, emocionais e sociais de ser homossexual” (Cass 1979 cit. Por Frazão 2008, p. 31). A aceitação da identidade é a fase onde existe uma aceitação da homossexualidade e intensifica-se o contacto com outros homossexuais bem como a defesa de questões relacionadas. Segue-se o orgulho da identidade. Sente-se homossexual e orgulha-se de o ser. Opta pelo relacionamento e convívio entre a comunidade *gay*. Por fim, a síntese da identidade onde existe uma plena aceitação e consciência do seu ser homossexual. Existe uma afirmação perante si próprio e perante outros.

Mais tarde, em 1982, Coleman (cit. por Frazão 2008, p. 32) caracteriza o processo de *coming out* em cinco etapas. A primeira fase será o *pré-coming*. Nesta primeira instância, a diferença é sentida, no entanto tudo o que percecionou até então é que os comportamentos homossexuais são errados e podem conduzir à “rejeição e ridicularização” (Coleman 1982 cit. por Frazão 2008, p. 32). Posteriormente vem o *coming out*, fase onde existe uma compreensão do que é ser homossexual e começa a existir uma vontade de partilhar com outras pessoas aquilo que vem a sentir. A fase da exploração é o que ocorre logo de seguida. Nesta fase, desenvolvem-se “capacidades de socialização com pessoas com interesses sexuais semelhantes” (Coleman 1982 cit. por Frazão 2008, p. 32). Surge a fase das primeiras relações onde a vontade de interagir e relacionar de uma forma mais íntima e emocional, está patente. Por fim, dá-se a integração em que a sua autoimagem homossexual está presente em contextos mais íntimos e pessoais mas também em contextos sociais e relacionais.

Após a apresentação dos dois modelos, consideramos para exploração e análise mais aprofundada o modelo mais recente de *coming out*. Este é da autoria de Ritter e Tendrup (2002 cit. por Frazão 2008, p. 32). Este modelo, é constituído por três grandes etapas que são a sensibilização, tolerância e integração.

Na primeira fase, a sensibilização trata-se do momento em que é sentida uma diferença de si próprio perante os outros. Poderá também contemplar a marginalização perante elementos do mesmo sexo. Nesta fase, existe uma “não conformidade com os papéis de género estipulados pela sociedade” (Frazão 2008, p. 32). Por vezes, existe uma não aceitação desta diferença podendo desenvolver comportamentos de negação e adopção de um comportamento heterossexual e até homofóbico como defesa da sua própria homossexualidade.

Quanto à segunda fase, a tolerância conduz, por vezes, a uma dupla vida, podendo haver afirmação da sua identidade enquanto homossexual em alguns contextos. Começa a existir uma maior tolerância com a ideia da homossexualidade, no entanto a revelação ainda é algo resguardado. Desta forma, trata-se de uma fase em que a sua afirmação perante a algumas pessoas não existe, como a família, ao mesmo tempo que recorre a momentos em que consegue afirmar-se, com amigos por exemplo, podendo ser ele próprio sem constrangimentos. Assim, desenvolve-se a vida dupla, onde age de forma heterossexual em determinados contextos e noutros age como homossexual. Esta fase pode definir o rumo da sua afirmação. Caso a afirmação até ao momento seja bem aceite e seja algo “recompensador, começa a surgir uma vontade de reduzir a dissonância provocada por uma vida dupla. Em consequência, emerge o orgulho *gay* e uma maior procura de relações íntimas com pessoas do mesmo sexo” (Frazão 2008, p. 32). Por outro lado, caso após a afirmação as reacções sejam negativas, de discriminação ou mesmo exclusão, irá provocar o medo da afirmação, tornando a afirmação algo menos provável de acontecer.

Por fim, a terceira fase, trata-se da integração sendo que nesta fase existe uma total aceitação de si mesmo. Havendo uma plena aceitação, também a afirmação será algo natural perante os outros. Assim, neste estágio, a afirmação da sua orientação sexual será algo comum na sua vida e estará presente nos mais diversos âmbitos e

contextos. Deixando de haver receios e constrangimentos, houve uma total saída do armário.

Ainda sobre o processo de *coming out*, é importante perceber que também os pais fazem o seu próprio processo de saída do armário. Zanatti (2016, p. 22) expõe um testemunho de uma mãe que afirma que, “também as mães precisam de fazer o *coming out*, é importante que assumam os filhos, não os escondam”. Sobre este assunto, a AMPLOS – Associação de Mães e Pais pela Liberdade de Orientação Sexual e Identidade de Género, refere que aquando da afirmação perante os pais, torna-se num momento de tensão para os envolvidos. Os pais sofrem, por vezes não têm a melhor reação. Têm medo, vergonha devido aos “preconceitos que circulam e abundam na sociedade”<sup>12</sup> mas também devido à “falta de informação resultante dos tabus que se têm perpetuado”<sup>13</sup>. Assim, os pais dos homossexuais, também aprendem “a sair do seu “armário” de pais, reprimem o desejo de escancarar a porta toda e celebrar o amor que sentem por esses filhos ou filhas”.

---

<sup>12</sup> AMPLOS (2012). Quem somos. AMPLOS acedido a setembro 10, 2016, em <http://www.amplos.pt/sample-page/quem-somos>

<sup>13</sup> AMPLOS (2012). Quem somos. AMPLOS acedido a setembro 10, 2016, em <http://www.amplos.pt/sample-page/quem-somos>

## CAPÍTULO 2 - A MEDIAÇÃO

A mediação como meio e ferramenta de reflexão, conducente à aprendizagem, mudança e transformações (Vieira & Vieira, 2016, p. 32), trata-se de uma temática de extrema relevância neste trabalho. Antes de mais é importante compreender a mediação de uma forma geral e em específico neste contexto.

“Mediar socioculturalmente é encontrar terceiros lugares de entendimento entre posições às vezes extremadas” (Vieira & Vieira, 2016, p. 31). O Homem é um ser, naturalmente, social, é impossível uma convivência em plena harmonia sem a emergência de conflitos. É tão intrínseca a sua socialização quanto os conflitos. A mediação surge assim, como um meio para a resolução destes conflitos. Nas palavras de Vieira & Vieira (2016, p. 29), “a mediação pressupõe um avanço na desejada coesão social. Inclui os diferentes participantes no conflito, promove a capacidade de compreensão, aceitando as diferentes versões da realidade, defende a pluralidade (...) fomenta a livre tomada de decisões e compromissos”.

Neste sistema, estão inseridos 3 elementos, sendo eles, as duas partes conflituosas, onde exposto a sua visão são auxiliadas na resolução do conflito, através da ação apaziguadora do mediador. A mediação deve ser encarada como meio e ferramenta de reflexão, conducente à aprendizagem e mudança. Assim, será uma das temáticas de maior relevância neste trabalho.

Antes de mais, é importante compreender o que é a mediação e qual a sua relevância no contexto da homossexualidade e a sua afirmação. A mediação pode ser considerada uma advocacia social em que através de um terceiro elemento, o mediador, é possível alcançar um consenso e por sua vez uma solução que seja viável para ambas as partes envolvidas no conflito. Este processo envolve as partes em conflito e um mediador que tenta estabelecer o diálogo. Por vezes, é a diferença, a falta de diálogo e incompreensão que gera o conflito.

Segundo Torremorell (2008, p. 18) a mediação “estimula as capacidades de inovação do indivíduo e da sua comunidade”. Trata-se de um meio de resolução de problemas que para além da solução e resolução do problema/conflito, procura uma

reflexão sobre o mesmo, no sentido de o interpretar de uma forma holística e resolver da forma mais humana, igualitária e amigável.

Olhando para a definição de Jarez (2002, p. 153), este defende que “a mediação é um procedimento de resolução de conflitos que consiste na intervenção de uma terceira parte, alheia e imparcial em relação ao conflito (...) com o objetivo de facilitar um acordo por meio do diálogo e da negociação”. A mediação utiliza como principal meio de alcance o diálogo. É a insistência no diálogo respeitoso, calmo, reflexivo e educado que permite que ambas as partes troquem as suas divergências de pensamento. Refletindo e procurando que cada um se coloque na posição do outro, será mais fácil compreender, aceitar e respeitar o outro.

O mediador trata-se do terceiro elemento neste processo. Segundo Vezzulla (2001, p. 40), “o mediador é um terceiro neutral”, ou seja, um elemento que é fundamental neste processo mas que, no entanto é um elemento que deve ser “invisível”. “O mediador é somente a parteira, que ajuda a dar à luz os reais interesses que possibilitarão o acordo final” (Vezzulla, 2001, p. 40).

Quanto ao papel do mediador, Jarez (2002, p. 153) apresenta ainda “os objetivos fundamentais do mediador” e considera os seguintes tópicos:

- “Favorecer e estimular a comunicação entre as partes em conflito, processo que costuma trazer consigo o controle das intervenções destrutivas;
- Levar a que ambas as partes compreendam o conflito de uma forma global, e não apenas a partir da sua própria perspectiva;
- Ajudar a que ambas as partes analisem as causas do conflito, separando os interesses dos sentimentos;
- Favorecer a conversão das diferenças em formas criativas de resolução de conflito;
- Reparar, sempre que isso seja viável, as possíveis feridas emocionais que possam existir entre as partes em conflito;”

As diferenças e particularidades de cada um de nós, têm tendência a serem apagadas e negadas. Hoje, a diferença deve ser entendida como natural, positiva e enriquecedora, mas também o conflito deve ser entendido assim. Será o mediador a criar pontes entre as margens culturais de cada um de nós. Pede-se, acima de tudo, que a resolução do conflito envolva bom senso, cooperação e uma atitude hermenêutica entre todos os envolvidos.

Resumidamente, o mediador não deve ser o livro de respostas, mas sim aquele que encaminha para uma resposta sem nunca definir o caminho a seguir. Apenas norteia as partes em conflito. Desta forma, a autonomia dos intervenientes nunca deve ser posta em causa. É através deste contexto relacional que devem surgir mudanças e transformações que, por sua vez, conduz ao ajustamento consensual entre as partes. O mediador é um agente de (trans)formação, age na busca da mudança, observando os outros, analisando a situação, adotando sempre uma atitude hermenêutica e despindo os preconceitos, obtém uma visão clara e neutra do conflito.

Torremorell (2008, p. 34) apresenta uma questão relevante no que respeita à mediação e à sua prática. A mediação é arte ou técnica? A autora refere que “a arte sugere-nos criação, originalidade e inovação; a técnica remete-nos para a eficiência precisão e sistematização. Em termos pejorativos, a arte seria convertida em mera improvisação e a técnica em dura insensibilidade” Não conseguindo fazer uma separação entre as variáveis, posteriormente, a autora refere, citando Six que “a mediação é ao mesmo tempo uma técnica e uma arte, sobretudo uma arte, mas uma arte exige muita paciência e técnica. Requer formação apropriada”.

Ao longo das entrevistas realizadas, constatei que em todos os processos conflituosos existentes entre os indivíduos entrevistados e as suas famílias, amigos, colegas e sociedade em geral, não existe a presença de um terceiro elemento. O papel de mediador é desempenhado pelo próprio indivíduo, perante os mais diversos contextos apresentados. Mas para além dos contextos escola, casa e família, trabalho e espaços públicos, a mediação é feita e pensada em primeira instância para consigo mesmo.

Assim sendo, e refletindo sobre esta problemática pergunto-me, quando a mediação surge por necessidade e não existe o terceiro elemento? Quando o mediador

não existe, como se gere o conflito? Falo de uma mediação que surge sem existir técnica, arte e formação. Não havendo um terceiro elemento, com formação, arte e técnica, a mediação não é efetuada? Não existe mediação? E remetendo para Jarez, quando o terceiro elemento, terá de ser o mediador? Não existe um elemento neutro, a pessoa envolvida em pleno conflito, terá de ser ela mesma a garantir a cordialidade, conversa e diálogo eloquente.

Vieira & Vieira (2016, p. 38) defendem que “ na interação entre diferentes, com ou sem mediação de um terceiro elemento, profissionalizado, ou não, há, também, sempre transformações das partes envolvidas”. Assim, para aqueles que procuram a resolução de conflitos numa via harmoniosa e cordial, a mediação surge como uma ferramenta intrínseca e instintiva, que mesmo sem conhecimentos de ação, todos seremos capazes de aplicar e assim, estimular e desencadear “transformações das partes envolvidas, em termos de atitudes, comportamentos, representações e ações, por forma a se encontrarem plataformas de entendimento que não são pontos aritméticos fixos, mas antes, terceiros lugares móveis” (Vieira & Vieira, 2016, p. 38).

Torremorell (2008, p. 70) defende que existem “cinco níveis de análise em consonância com as dimensões relacionais da pessoa: consigo própria (intrapessoal), com a alteridade (interpessoal), no seio de um grupo (intragrupal), em conexão com os outros grupos (intergrupal) e como membro da humanidade (social)”.

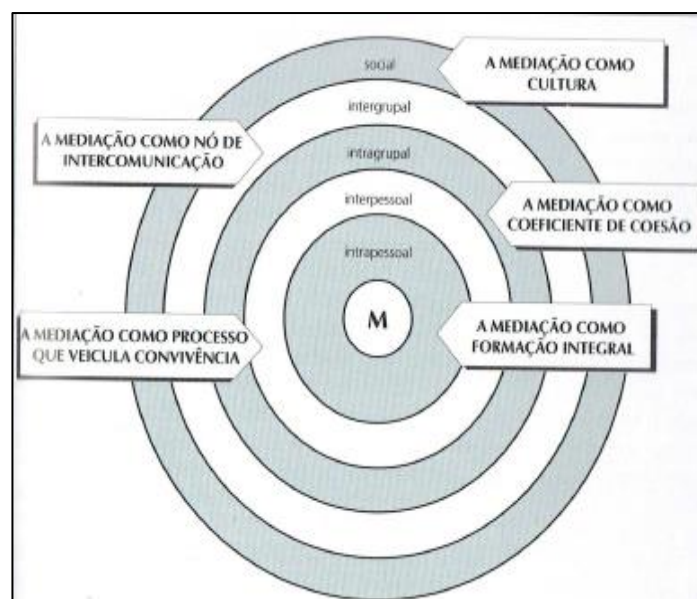


Figura 2- A mediação através das dimensões relacionais do ser humano. (Torremorell, 2008: 71)

Neste trabalho encontramos de uma forma direta, inevitável e com relevância, a mediação intrapessoal. Mas como como é ser mediado e mediador? Trata-se assim de uma mediação de um único elemento. Uma mediação solitária, muitas vezes forçada, não pensada, não procurada, não técnica.

A mediação intrapessoal inscreve-se num modelo onde a mediação é intrínseca, necessária, sem qualquer meio de fuga ao problema. É uma mediação desenvolvida unicamente na pessoa, que para si mesma reflete, procura compreender, procura um plano de ação. Será algo tão interior, natural e inevitável que talvez por isso seja tão pouco pensada, teorizada, refletida e demonstrada. Trata-se de uma mediação não instrumentalizada, e define-se mais concretamente em garantir que “auto-estima, autoconceito, compreensão e expressão de emoções e sentimentos, empatia, assertividade, escuta ativa, capacidades de pensamento criativo, reflexivo, crítico, marcam agora a presença e conformam um trabalho autodirigido, em primeira instância, a nós próprios” (Torremorell, 2008, p. 72).

Para além da mediação intrapessoal, também encontramos a presença da mediação interpessoal no presente trabalho. Este é o segundo nível de mediação considerado por Torremorell. Sobre este tipo de mediação, explica que entre “duas pessoas em conflito baseia-se em atacar a outra pessoa, culpabilizar, exigir direitos e castigos impostos” (Torremorell, 2008, p. 73). Por vezes é com as pessoas mais próximas, como familiares, amigos ou colegas de trabalho, que criamos mais conflitos, dada a convivência rotineira que o quotidiano dita. De forma a evitar que os conflitos progridam e produzam fraturas nos mais diversos relacionamentos interpessoais, é fundamental estimular “a contemplação holística do problema” (Torremorell, 2008, p. 73) bem como “a exploração da situação na sua globalidade” (Torremorell, 2008, p. 73). Assim, impedir a atribuição de culpa, razão ou castigos, irá permitir uma comunicação moderada onde a mediação “atua como construtora de pontes entre as pessoas” (Torremorell, 2008, p. 73).



### **CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA E UNIVERSO DE ESTUDO**

Este projeto de investigação foi realizado com base no paradigma da complexidade, recorrendo a metodologias de carácter compreensivo e interpretativo. Tem como objetivo captar a intensidade e profundidade de sentimentos, ações e vivências dos entrevistados. Assim, acredito que a perspectiva qualitativa (Boavida & Amado, 2006, p. 109) seja a mais indicada para esta investigação uma vez que “tem como vantagem, atingir o pensamento e a subjetividade de um pequeno número de pessoas”. Segundo Bell (1997, p. 20), “uma perspectiva qualitativa (procura) compreender as perceções individuais do mundo (...) em vez de análise estatística”. Neste sentido, esta investigação é composta por um estudo multicaseos (Guerra, 2006), com seis elementos estudados, “uma vez que apenas o estudo de caso(s) poderá fornecer ao leitor uma ideia tridimensional e ilustrará relações, questões micropolíticas e padrões de influências num contexto particular”.

Como técnica de recolha de dados, optei pela entrevista etnobiográfica, uma vez que esta técnica permite uma grande recolha de informação como relatos de vida, vivências, práticas e, no fundo, a cultura. Outra vantagem deste tipo de entrevista é o facto de privilegiar o investigado, pois permite-lhe falar, explicar e de certa forma, conduzir a “conversa”, à sua maneira, da forma que sentir que deve falar, do que deve falar, sem grandes orientações ou restrições (Vieira: 2011, Amado: 2014).

Todas as entrevistas foram realizadas individualmente, no local escolhido pelo entrevistado e com o apoio de um guião de entrevista semiestruturado, garantindo assim um grau de estruturação informal e flexível. Optei por este tipo de entrevista também devido ao facto de me permitir uma recolha de informação direta e focada em questões específicas e garantindo uma flexibilidade temática (Bell: 1997).

O universo desta investigação é constituído por seis elementos que se identificam como homossexuais ou bissexuais, e que de alguma forma se afirmam como tal. Procurei incluir nesta investigação casos de homossexualidade que, tendo já passado pelo processo de afirmação, possam explicitamente falar de obstáculos, sentimentos, feridas, pontos positivos e negativos relacionados com a exposição da sua orientação sexual.

Segundo Levinson (1977 cit. por Agudo 2008, p. 11) a idade jovem adulta encontra-se entre os 17 e vai até aos 45 anos. Assim, de forma a incidir a investigação numa geração de jovens/adultos, todos os participantes entrevistados têm menos de 28 anos de idade.

Com o propósito de obter mais informação e dado tratar-se de um tema de cariz íntimo, os elementos estudados fazem parte do meu contexto social. Desta forma, foi possível obter uma entrevista descontraída, mas frutífera para ambas as partes. Os participantes integrados nesta investigação foram abordados por mim, via telefónica, web ou pessoalmente. Foram questionados se gostariam de participar nesta investigação, explicitando o seu contexto e interesse. Tendo eu já conhecimento do *background* dos entrevistados, considerei que os casos retratados são casos com biografias pertinentes e relevantes para a compreensão dos sentidos que toma a afirmação homossexual. Considero que os elementos estudados ofereceram muitas respostas e noções diversificadas. Procurei incluir diferentes resoluções de vida, desde fácil aceitação a uma difícil aceitação, podendo olhar e compreender para as diferentes afirmações e as suas respetivas consequências nas vidas dos casos estudados.

Quanto ao número de entrevistados, no total é um grupo de seis elementos, quatro são do sexo masculino e os restantes dois são do sexo feminino. Inicialmente, procurei que fosse um grupo de entrevistados equilibrado quanto ao sexo, no entanto, foi algo não consegui fazer. Uma das jovens que inicialmente estava disponível para ser entrevistada, confessou que não se sentia psicologicamente preparada e disponível para participar nesta investigação, assim fiquei com menos um elemento do sexo feminino. Desta forma, fui compelida a retomar a busca do sexto elemento, sendo este do sexo masculino. Resultando assim, num desequilíbrio no número de entrevistados relativamente ao seu sexo.

Uma vez que o meio investigado trata-se de um meio no qual consigo facilmente entrar, movimentar-me e sentir-me confortável, esta investigação contempla também a observação participante (Amado, 2014). Esta técnica é a mais indicada uma vez que aprofunda o estudo de um grupo em específico através da observação (Bell, 1997, p. 24). Por fim, a consulta e pesquisa documental, bibliográfica e legislativa, acompanharam todo o processo investigativo.

## **CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS**

Neste capítulo é feita a exploração das entrevistas realizadas com vista a apresentar cada um dos sujeitos estudados. Assim, apresento agora os entrevistados<sup>14</sup>, numa breve biografia individual, bem como as suas entrevistas, sob a forma de tópicos.

### **BIOGRAFIA DE SÓNIA**

Sónia tem 22 anos e reside na Cova-Gala (Figueira da Foz). Identifica-se como bissexual. A entrevista foi realizada a 30 de janeiro de 2016, na zona beira-mar da Cova-Gala, local no qual a entrevistada se sente confortável.

Sónia revelou uma história de vida algo conturbada. Vive com a mãe e com o sobrinho, no entanto explica que a sua família é bem mais extensa e revela que tem três irmãs, três sobrinhos, um avô e por fim o pai. Conta que o sobrinho que vive consigo e com a sua mãe, de momento não está com a sua mãe biológica uma vez que a mesma está presa. Explica ter uma excelente relação com os restantes sobrinhos e com o avô, que apesar de não ser de sangue, considera-o como membro de família. Revela ter um trajeto familiar complexo, dando o exemplo do abandono dos estudos da irmã mais velha de forma a que Sónia pudesse prosseguir os seus estudos. Quanto à relação com a sua mãe, revela ser muito forte, havendo muito respeito e consideração pelo bem-estar da mesma. Explica também que a relação com o seu pai é delicada, uma vez que o mesmo nem sempre se interessou por Sónia. No entanto, diz que hoje existe um melhor relacionamento entre eles e nota que existe uma preocupação e atenção no que refere ao seu bem-estar.

Sónia conta que mantém uma relação de cinco anos com Lena, a sua namorada, também natural da Cova-Gala, e sente-se feliz com a mesma. Todos na sua família conhecem a relação e lidam bem com a situação. O casal não sente medo, vive a sua vida, e age como outro qualquer casal, afirma apenas ter alguma reserva na mostra de carinhos quando se encontram na sua terra natal, uma vez que se trata de um meio mais pequeno e não querem ferir ou desrespeitar ninguém.

---

<sup>14</sup> Os nomes dos entrevistados presentes nesta investigação, são nomes fictícios. Desta forma, a identidade de todos os que participaram neste estudo encontra-se salvaguardada.

## **BIOGRAFIA DE RUI**

Rui tem 25 anos e é natural da Figueira da Foz, no entanto de momento reside em Lisboa. Caracteriza-se como homossexual. A entrevista foi realizada a 23 de janeiro de 2016, na zona da esplanada da cidade da Figueira da Foz, local prático e no qual o entrevistado se sente confortável.

Rui antes de se deslocar para Lisboa, por motivos de trabalho, vivia com os pais e irmã na Figueira da Foz. Explica que tem uma relação normal com os seus pais e irmã. Cada um tem a sua vida, falam de tudo mas esclarece que cada um tem direito à sua privacidade e segredos. Considera ter uma família normal.

No que respeita à sua orientação sexual, Rui afirma ser homossexual. De momento não tem nenhum relacionamento. Diz que no que respeita à sua família, apenas a irmã sabe da sua orientação sexual, uma vez que esta confrontou Rui e ele acabou por confirmar. No entanto, os seus pais não sabem que é homossexual e Rui prefere manter oculta essa informação. Explica que é a sua vida pessoal, privada e que, por isso, não fará sentido contar-lhes. Além disso conhece a opinião que os pais têm sobre o tema e uma vez que a mesma não é favorável nem compreensiva, Rui prefere esconder, desta forma não fere os pais e evita problemas familiares.

## **BIOGRAFIA DE FÁBIO**

Fábio tem 22 anos e reside na Figueira da Foz. É homossexual. A entrevista foi realizada, na viatura pessoal do entrevistado, local escolhido por ele devido à privacidade que o espaço confere. A entrevista foi realizada a 6 de julho de 2016.

Fábio trabalha e tenta gerir uma vida de uma forma independente e autónoma, no entanto, ainda vive com os pais e o irmão. Revela que de momento tem uma boa relação com o seu núcleo familiar mas que nem sempre foi assim. Conta que quanto ao facto de ser homossexual, os pais não reagiram da melhor forma no momento de afirmação. Chegou mesmo a sair de casa temporariamente de forma a assentar ideias, tanto ele como os pais. Trata-se de um caso onde a afirmação foi algo dramática e complexa de gerir no seio familiar. Hoje o assunto não é falado em casa e assim, a relação com os pais foi melhorando e hoje considera que está estável.

Mantem um relacionamento com um rapaz já há 2 anos, algo que mantém segredo perante os pais, evitando problemas na família. Também na rua e em espaços públicos opta por ser discreto, evitando demonstrações de afeto com o seu namorado. Por outro lado, com os amigos, Fábio age naturalmente, é ele próprio sem constrangimentos.

### **BIOGRAFIA DE FÁBIA**

Fábia tem 26 anos e é natural das Caldas da Rainha. A sua orientação sexual é lésbica. A entrevista foi realizada, num antigo local de residência da entrevistada no qual esta se sente confortável, tornando-se o local mais prático para a entrevista.

Relativamente à sua família, Fábia descreve a mãe como uma pessoa instável, devido a problemas alcoólicos, e o pai como uma pessoa muito reservada. Explica que se relaciona com ambos. Com a mãe diz existir uma relação de amor-ódio em que existem fases de bom relacionamento e por vezes fases de afastamento. Com o pai, a relação é boa, no entanto e devido ao trabalho do mesmo, torna-se uma relação distante. Ambos os pais têm conhecimento da sua orientação sexual e apoiam a filha incondicionalmente.

Fábia de momento vive e trabalha no Porto. É também no Porto que se encontra a sua namorada, uma relação que perdura há um ano e meio. Ambas são felizes e explica que trabalham as duas no mesmo local. Todos sabem do seu relacionamento e mesmo em plena rua nada a impede de demonstrar afeto com a namorada.

### **BIOGRAFIA DE WILL**

Will tem 25 anos e é natural da Caranguejeira em Leiria. É homossexual. A entrevista foi realizada, numa sala de reunião do seu local de trabalho, em horário pós laboral. Trata-se de um local no qual o entrevistado se sente confortável e era o local mais prático para a entrevista. Esta foi realizada a 29 de junho de 2016.

Apesar de trabalhar, Will vive com os pais. O seu núcleo familiar é constituído pela mãe, pai e irmã, que de momento já não reside na casa dos pais. Refere que a sua relação com os elementos supracitados é boa e sente que a sua família é normal. No que refere à sua orientação sexual, Will afirma ser homossexual e hoje em dia os pais e a

irmã têm conhecimento disso. Apesar de algum constrangimento inicial por parte dos pais, hoje a situação esta normalizada na sua casa e tornou-se algo aceite e natural.

De momento, encontra-se num relacionamento com um rapaz e os pais estão a par da situação. Conta que em espaços públicos opta por manter a descrição com o seu namorado, assim, não são feitas demonstrações de afeto fora do contexto privado. Explica que tem medo de encontrar pessoas conhecidas e, assim, gerar uma situação constrangedora.

### **BIOGRAFIA DE GONÇALO**

Gonçalo tem 19 anos. É natural da Figueira da Foz. Afirmar ser bissexual. A entrevista foi realizada na sua casa, na varanda, sendo o local mais prático para a realização da entrevista, local onde o entrevistado se sente confortável. Esta decorreu no dia 28 de janeiro de 2016.

Gonçalo descreve que o seu núcleo familiar é composto pela mãe, padrasto e irmão. Afirmar que tem uma boa relação com todos. Também com o seu pai biológico, afirma ter um bom relacionamento, no entanto é algo mais distante. Em casa todos sabem que é bissexual. Sentiu necessidade de lhes contar e sempre foi bem aceite e muito apoiado. No entanto, o seu pai biológico não tem conhecimento. Gonçalo tem receio que o pai não compreenda.

Encontra-se num relacionamento de dois anos com um rapaz. De momento é feliz, em casa sempre foi algo natural e bem aceite. Explica que na rua e em locais públicos opta por ser discreto, evitando demonstrações de afeto uma vez que o namorado não se sente confortável em demonstrar o relacionamento. Quando inserido no grupo de amigos, age de forma natural com o namorado, não existindo receios ou constrangimentos.

Ao longo das entrevistas, foram vários os tópicos abordados que requerem agora uma exploração e uma compreensão para que possam fornecer informações e uma visão holística das afirmações em estudo.

## QUAL É A TUA ORIENTAÇÃO SEXUAL?<sup>15</sup>

Quando feita esta questão em momento de entrevista, os investigados responderam muito seguros de si próprios. Rapidamente responderam de uma forma clara, direta e firme “*eu sou homossexual*”, “*eu sou bissexual*” ou ainda “*eu sou gay*”. Ao longo das entrevistas foi possível perceber que os sujeitos estudados identificam-se como homossexual ou gay.

Assim, apenas no caso de Fábio, se encontra uma diferença na denominação que utiliza quando se refere a si mesmo. Denotei que no caso de Fábio, este parecia evitar a denominação de *gay*, referindo-se sempre a si mesmo como homossexual. Talvez Fábio não se tenha caracterizado desta forma devido ao facto da denominação *gay* ser associado à figura mais extrovertida e exuberante dos homossexuais, de acordo com Marcus (1999: 25). Quanto a Fábica, referiu-se a si mesma como homossexual, optando por não dizer lésbica.

## COMO É QUE DESCOBRISTE?

Sónia sentia-se intimidada, apenas avançou para a descoberta de si mesma com o incentivo da atual namorada, revela que “*há cerca de 5 anos mais ou menos (aos 17 anos), eu namorava com um rapaz mas sempre me dei muito bem com as raparigas e havia uma rapariga, e ela mandava-me umas mensagens um bocado estranhas e eu sentia-me tipo bué intimidada (...) minha atual namorada ajudou-me e incentivou-me basicamente a estar com essa rapariga porque, para eu perceber aquilo que queria e sentia naquele momento.*” Quando quis conhecer o lado lésbico de si mesma, sentia-se tímida e foi aconselhada e ajudada a avançar e perceber o que sentia por Lena a sua namorada desde então.

---

<sup>15</sup> Este subtítulo, bem como os seguintes são retirados das entrevistas realizadas. Seja das perguntas, seja das respostas como forma de compreensão das narrativas produzidas durante o trabalho de campo. Bourdieu, em 1993, na obra “A Miséria do Mundo”, sugere a utilização de subtítulos retirados das entrevistas e explica que “*estão lá para direcionar o olhar do leitor para os traços pertinentes que a percepção distraída e desarmada deixa escapar*” (Bourdieu, 1993, p. 10). Assim, seguindo a mesma linha de pensamento, os subtítulos dos capítulos 4 e 5 terão o mesmo objetivo.

Rui conta que *“soube aos 14/15 anos mais ou menos (...) Eu não sabia muito na altura, tipo foi a primeira vez que tive esse tipo de experiência porque.... Sempre me ensinaram que devia gostar de mulheres. E aquilo que eu pensava que era gostar de uma mulher, não era, porque comecei a sentir isso ao gostar de um homem.”* Afirma-se como homossexual, descoberto e conhecedor de si próprio desde os 14/15 anos. Não percebia muito bem o que estava a acontecer uma vez que aquilo que sempre lhe ensinaram, que o amor seria entre homem e mulher, não era aquilo que lhe estava a acontecer.

*“Por volta dos meus 13 anos, aha, eu já notava que não era bem como os outros meninos que eu conhecia (...)”* refere Fábio quando questionado sobre a sua autodescoberta. Afirma-se como homossexual desde dos 13 anos, dando-se sempre mais com raparigas sendo que as suas amizades com o sexo masculino nunca foram com heterossexuais. Com o seu desenvolvimento e crescimento constatou que realmente era homossexual, explicando que a heterossexualidade seria algo que não faria sentido na sua vida.

Fábia conta que foi quando começou a namorar com um rapaz que constatou que algo não estava bem. Por palavras suas, *“eu tive (...) bons amigos masculinos mas nunca tive grande interesse propriamente em namorar com eles. Claro que cheguei a namorar com um rapaz, a sério, (...) durante essa relação basicamente foi quando eu percebi que alguma coisa não estava a funcionar (...) não me sentia, digamos, completa mas, sentia que não estava a ter aquilo que queria, que queria e que precisava no fundo, eu gostava dele mas no fundo eu gostava dele como pessoa, não para ter uma relação, para ter uma amizade talvez e aí decidi explorar então outros caminhos.”* Revela ainda que começou *“ (...) a ver, ler coisas na internet, a ver uma série muito conhecida que é a Letra L, o L Word, a que me ajudou imenso, tenho a dizer, ajudou imenso, e a partir daí... aham... comecei a, não é a dedicar-me mas a entrar pelo caminho a ver como é que me dava e a verdade é que, quando tive a minha primeira, primeira namorada (...) foi quando eu percebi que era aquilo, pronto é isto que me faz falta é uma mulher, tem aquilo que eu quero, que procuro numa pessoa e basicamente foi assim que eu descobri.”* Com cerca de 18 anos, decidiu explorar e descobriu com a série Letra L (série sobre lésbicas) que a homossexualidade poderia ser algo a fazer parte da sua vida. Posteriormente decidiu enveredar por essa via de exploração do lado

homossexual e quando teve oportunidade de pela primeira vez experienciar o relacionamento com o sexo feminino sentiu que era o que procurava e completava.

Relativamente a Will, este revela que num concerto, sentiu-se atraído por um elemento da banda em atuação. Algo o que mentalmente lhe gerou alguma confusão, uma vez que não estava a compreender ao certo o que estava a acontecer e por isso optou por ignorar e focar-se nas amizades, explica que chegou ” (...) *a casa completamente confuso e não sabia o que é que havia de fazer à minha vida ainda por cima porque não estava a perceber nada do que estava a acontecer. Mas depois, isso entretanto, acho que optei por ignorar um pouco...*” sendo o único caso, de entre os entrevistados, em que aparentemente existiu um sentimento de negação ou de desinteresse por esse tipo de pensamentos íntimos sobre si mesmo, optando por não fazer uma exploração dos mesmos. Só mais tarde, aos 19 anos, procurou esclarecer o sentimento incompreendido que reservou para si mesmo desde os 15 anos. Conta que “ (...) *dos 15 aos 19 foram 4 anos e 4 anos acho que serviram para assentar um pouco as ideias... aham..., fui tentando explorar um bocadinho mais as coisas e conheci pessoas na net, tipo coisas, sala de chat e essa coisas todas (...) não tive qualquer sentimento de culpa, não me senti arrependido de nada (...) mas não tive aquela coisa de achar que era imoral ou errado, fosse o que fosse, acho que, porque lá está eu tinha consciência de que não estava a fazer nada de errado, nada de mal. Foram 4 anos que me serviram para assentar as ideias, aos 19 foi curiosidade (...)* “.

No caso de Gonçalo, conta que “*mais nos 15 anos (...) e com as minhas convivências com, com as pessoas com quem saía (...) tive algum interesse e comecei a ver os rapazes de outra forma (...) já namorei com raparigas, mas sempre vi os homens de uma maneira diferente e tive curiosidade (...)* “. Explica que apesar do contacto com o sexo oposto, começou a despertar um interesse que o levou a explorar. Optou por não negar a curiosidade que sentia pelos homens mesmo tendo já tido relações com raparigas.

No que respeita à descoberta de cada um dos entrevistados, todos eles, à exceção de Will, revelam ter tido uma atitude de exploração sobre as dúvidas que iam sentindo. Pensando sobre as idades de constatação da orientação sexual, verifica-se que nos entrevistados as idades são compreendidas entre os 13 anos, no caso de Fábio e os 19

anos, no caso de Will. Os restantes inserem-se no intervalo das idades apresentadas. Sendo idades tão díspares, leva-me a questionar o que desencadeia uma noção e percepção tão antecipada e por outro lado uma noção tão mais tardia.

### **COMO É QUE SAÍSTE DO ARMÁRIO? DA TUA FAMÍLIA QUEM SABE?**

*“Não fui eu propriamente que contei”* revela Sónia quando questionada sobre o seu momento de afirmação perante a mãe. Ao longo da entrevista explicou que sentia-se preocupada com a aceitação ou rejeição da mãe, tinha medo da reação da mesma e por isso nunca chegou a revelar. Constatei que no caso de Sónia, existe uma forte valorização da figura materna, ao ponto de deixar a namorada caso a mãe assim o quisesse. Sobre o momento da sua afirmação, conta que a sua mãe *” (...) confrontou-me e eu na altura até desmenti tudo. (...) a minha irmã mais velha ligou à minha mãe e disse: então a Susana anda metida com a Lena? (...) a minha mãe chegou a casa (...) e disse: ah, já sei que tu e a Lena namoram. (...) eu comecei a chorar baba e ranho (...) eu queria-te contar mas tinha medo da tua reação (...)”*. Quanto ao pai, este descobriu via web. Sónia, quando confrontada, assume e é direta com o pai, diz-lhe que *“ (...) é a minha namorada, tu tens um irmão que é gay e eu... tenho uma namorada! Se aceitas, aceitas, se não aceitas é igual para mim.”* Não havendo uma relação de proximidade com o pai, Sónia acredita que a aceitação por parte do mesmo seria algo indiferente para a sua vida.

No caso de Rui, a irmã é único elemento da família que sabe da sua orientação sexual, *“ (...) a minha irmã confrontou-me quando eu tinha 16/17 anos e perguntou-me diretamente se eu era gay e eu disse que sim e depois perguntou-me se era uma fase e eu disse que não.”* Rui afirmou sempre saber que não se tratava de uma fase, e defende que a sua vida é algo pessoal e como tal, contar aos pais da sua orientação sexual não faz parte dos seus planos de momento, *“ (...) não sabem! Não vão saber tão rápido e não sei se algum dia irão saber, tudo depende do meu futuro e de como eu estiver no futuro (...) nós damo-nos bem, mas eu vejo a minha vida pessoal como pessoal! (...) Não, porque sei que os ia magoar, e eu não os quero magoar (...) ”*.

*“ (...) Acabei por lhes contar, porque achei que era o que fazia mais sentido (...) ”* revela Fábio. Sendo que vive com os pais, diz que não fazia sentido esconder a sua homossexualidade dos mesmos e por isso optou por contar. Revela que a sua

afirmação decorreu num jantar com os pais, onde contou de uma forma direta e explícita que era homossexual, que mantinha uma relação e que também os seus amigos são homossexuais. Conta que nesse mesmo jantar “ (...) eles começaram a puxar por mim e a perguntar que é que se estava a passar mais porque não era normal (...) de um momento para outro andava triste e andava distante e eles não estavam a perceber o porquê. E então eu decidi largar a bomba (...) sou homossexual, tenho uma relação os meus amigos também são homossexuais, tenho amigos homossexuais, ... aham..., é uma coisa perfeitamente normal (...) “. Para além dos pais, Fábio conta que “ (...) existe mais uma familiar minha que sabe que eu sou homossexual, uma rapariga que é minha prima que é pouco mais nova que eu e aceita perfeitamente o facto de eu ser homossexual, já ajuda-me em tudo aquilo que eu preciso, está sempre a dizer que eu estou completamente à vontade que me ajuda em tudo (...) “.

Fábia, conta que após uma série de questões por parte da mãe, decide contar que gosta de raparigas e que tirando isso nada mais se passava na sua vida. Afirma que teve muita coragem para contar à mãe mas que sentiu necessário fazê-lo. Conta-nos, por palavras suas, que “ (...) ela estava a começar com aquelas perguntas de mãe, chatas, que uma pessoa não quer responder e depois tipo, numa dessas ocasiões de perguntas chatas eu disse-lhe tipo: olha mãe, não se passa nada, eu não ando na droga, não é nada disso, eu simplesmente descobri que gosto de mulheres (...) “.

A revelação ao seu pai decorreu de uma forma muito espontânea acontecendo em plena rua onde “ (...) assim aleatoriamente ah, estávamos a conversar normalmente, então como é que vais... e não sei o quê? E eu: olha pai, tive a falar com a mãe e há uma coisa que quero-te dizer, ah já lhe disse a ela e acho importante que tu saibas obviamente... e depois disse-lhe, larguei a bomba, a dita bomba, que eu era lésbica e tinha uma companheira e não sei quê, e ele disse, ele não é um homem de muitas palavras (...) disse que já sabia e que sentia no fundo e que não tinha problemas nenhuns com isso, só queria que eu estivesse bem, me sentisse bem e que fosse feliz, que não havia problema nenhum (...) “. Assim, o pai soube depois da mãe e sendo uma pessoa pouco expressiva, este apenas aceitou a sua filha sem problemas, afirmando que só queria a felicidade da mesma.

Will sentia vontade de contar aos seus pais que era homossexual. Antes da afirmação diariamente pesava na questão que escondia aos pais, sentindo-se mal, uma vez que ocultava parte de si. Conta que chegou inclusive a pensar fazer uma apresentação *power point* para facilitar o processo de afirmação. Diz que “ (...) desde que me aceitei como sou, é que acho que todos os dias me vinha à cabeça uma coisa: *és gay, és gay, és gay, és gay, és gay, todos os dias, tipo todos os dias pensava nisso, porquê, porque como eu tenho uma boa relação com os meus pais, é no fundo estar a esconder um bocado, bocado, uma parte de mim (...)* “. A sua afirmação decorreu de uma forma que nem ele esperava. Conta que “ (...) estava a passar o fim de semana fora isto, pelo que a minha irmã me contou, que tinha ido lá a casa jantar nessa altura, que o meu pai começou a perguntar, não percebo o teu irmão, leva a namorada do outro, leva a rapariga pra viagem... aha..., ela tem namorado, não percebo nada daquilo. E a minha irmã, que pelos vistos andava a fazer *stalking* (...) ela disse, ah isso se calhar é outra coisa que vocês se têm de preparar. Portanto, ela no fundo começou ali a arranjar terreno (...) “. Após este jantar de família sem a presença de Will, a sua mãe decide espiar o filho na busca que uma resposta. Will conta que “ (...) A minha mãe se fartou e foi espiar-me (...) confronta-me (...) quando é que nos ias contar que eras homossexual? (...) acho que lhe disse não sei. (...) foi drama, muito drama, não houve choro (...) fiquei embaçado aquilo que ela me confronta, mas eu assim... pronto é desta! Ela confronta-me e eu digo não sei e ela: então, mas és? E eu: sou! Pronto se queres que saibas sou (...) “. Sendo já algo que Will anseava, pela afirmação perante os pais, quando confrontado, em choque acaba por afirmar que era *gay*.

Gonçalo revela que se afirmou perante a mãe aos 15 anos. Optou por uma abordagem direta sobre a sua bissexualidade e mesmo sem ter experienciado com um homem decide contar-lhe da sua suspeita. Nas suas palavras conta que “ (...) houve uma vez em que cheguei ao pé da minha mãe e disse: olha, eu acho que sou bissexual (risos), e ela: pronto “tá” bem, tens a certeza? Achas mesmo que és? E eu: acho que sim. Ainda não tinha tido caso nenhum com nenhum rapaz nem nada mas suscitava-me curiosidade e... e a minha mãe sempre me apoiou também, porque já ela quando era mais jovem, o núcleo de amigos dela também havia muitos homossexuais e ela sempre esteve à vontade com esse assunto.” Quanto ao seu padrasto, mais tardiamente decide contar-lhe através de uma conversa onde foram falando e questionando as suas dúvidas, tendo obtido sempre uma boa reação da sua parte, descreve que este “soube um

*bocadinho mais tarde mas não estava à espera mas sim foi, foi... foi como a minha mãe, apoia e apoiou-me e apoia-me também agora não, não houve qualquer tipo de problema (...) com o meu padrasto foi mais essa tal conversa de ficarmos a falar e ele perguntar-me: então e porque? (...). Também a sua avó está a par da sua orientação sexual. Revela com entusiasmo que afirmar-se perante a sua avó “ (...) foi o máximo! (riso) porque ela, ela também sempre teve muitos amigos homossexuais e ela, e eu quando lhe contei ela riu-se e: ah a sério? E eu: sim! E ela: ah “tá” bem, tudo bem... e eu também fui-lhe sempre contando dos namorados que ia tendo e sim, não houve problema ela (...) “.*

Sobre a saída do armário, nos seis casos estudados, três optaram por contar e afirmar, no núcleo familiar, a sua orientação sexual, sendo eles Fábio, Fábica e Gonçalo. Por outro lado, Sónia, Rui e Will, nunca tomaram a iniciativa de contar. Os elementos familiares que têm conhecimento, apenas tomaram conhecimento via confrontação, e nesse momento Rui e Will tomaram a atitude de afirmação. Sónia foi o único caso em que numa primeira instância, quando confrontada negou a sua orientação. Só posteriormente, quando confrontada pela segunda vez afirmou e decidiu não esconder mais a sua bissexualidade bem como o seu relacionamento.

### **E OS TEUS AMIGOS E COLEGAS SABEM?**

Sónia descreve que perante amigos, existe uma afirmação total da sua orientação sexual, bem como da sua relação. Explica ainda que, aos colegas de turma a afirmação não foi propositada. Em contexto aula, quando questionada se tinha namorado, afirma ter uma namorada. Mais tarde é questionada pelos colegas estes questionam Sónia “ (...) tu disseste que tinhas namorada? E eu disse que sim tenho e ela esta aqui mesmo ao meu lado (...) E até lhe dei um beijo para eles verem que era mesmo real e pronto (...) aceitam-nos muito bem, claro que há sempre aqueles olhinhos e aquelas boquitas (...) isso é desprezado (...) “. Explica ainda que sempre obteve boas reações da parte de professores e colegas e que “A partir do momento em que eu percebi que a minha mãe aceitava e que os meus sobrinhos também aceitavam que não se estavam a importar com nada disso, epá, eu não quis saber e enfrentei tudo e todos.” Assim, Sónia não sente receios nem medo de reações de outras pessoas, com o apoio da mãe e aceitação, hoje enfrenta todos sem receios.

No caso de Rui, ele conta que “ (...) *quando tive mais certezas ou melhor, se calhar quando estava ainda com algumas dúvidas contei à minha melhor amiga na altura (...) ela foi espetacular* “. Aos 16 anos contou à melhor amiga que era homossexual, foi bem aceite pela mesma. Hoje, os amigos sabem, ou vêm a perceber com o tempo, não se expõe diretamente mas age naturalmente sem receios, é ele próprio. Diz que “*hoje em dia percebe-se, hoje em dia a maior parte deles percebem. Se realmente são meus amigos e passam algum tempo comigo eles acabam por perceber sem perguntar nada sequer (...) eu não ando na rua com vergonha, não ando na rua com medo, pensem o que pensarem de mim, já não me afeta em nada (...)* “. Não faz por esconder, mas não faz por ser explícito, assim, “ (...) *eu não conto, eu opto por dar a entender que...* “. Entre amigos, prefere demonstrar e deixar as pessoas entenderem por elas próprias tornando-se um facto naturalmente partilhado.

Com os seus amigos, Fábio, opta por não esconder uma vez que sente muita ligação com os mesmos e assim, não faria sentido esconder-lhes isso conta que “ (...) *eu ligo-me muito com as outras pessoas e achei que não fazia sentido estar-lhes a esconder uma coi... aquilo que eu era... se eu sou homossexual fazia todo o sentido dizer aos meus amigos que era homossexual, independentemente de eles gostarem ou não da minha escolha enquanto pessoa e daquilo que eu sou (...)* “. Quanto aos colegas de trabalho, Fábio não expõe a sua homossexualidade, sabe que ao lidarem com ele, e sendo que ele não se encaixa no estereótipo heterossexual, começam a suspeitar e quando confrontado afirma-se conta que “ (...) *existe a situação de não lhes contar aquilo que sou... aham..., embora um ou outro que provavelmente ao terem iniciado uma primeira conversa comigo que acabaram por perceber que se calhar eu não era o chamado heterossexual definido pela sociedade e então perguntaram-me e eu acabei por afirmar e dizer que sim, que sou homossexual (...)* “.

No contexto escola, amigos ou trabalho Fábria, havendo contexto e oportunidade não esconde, fala normalmente, age de forma natural, conta que “ (...) *professores, alunos, colegas, nunca tive nenhum problema. (...)* “ e “ (...) *as minhas amigas mais próximas que também souberam logo praticamente, disseram logo que já sabiam (...)* “. Fábria, defende que não há necessidade de forçar a exposição mas que também não tem de ser algo escondido no fundo de cada um. Para ela a homossexualidade “ (...) *não tem que escarrapachar na cara de toda a gente: olha sou lésbica, olha sou lésbica, olha*

*sou lésbica, mas também não tem que se esconder na escuridão (...)* “. Mesmo no seu trabalho age de forma natural e diz “ *(...) hoje em dia no meu trabalho, eu trabalho com a minha namorada, os meus patrões sabem (...)* “.

Will, afirma que os seus amigos de secundário e de universidade têm conhecimento, assim sabem de si “ *(...) o meu grupo de amigos mais chegado com aquele com que eu costumo sair ainda... aham..., e talvez um pai ou outro desses amigos também saiba porque eu frequento a casa, por frequentar a casa por ter uma relação mais próxima (...)* “. Mesmo os seus pais já tendo conhecimento, Will prefere manter-se discreto não comentando este facto com muita gente. “ *(...) Não é um grupo muito vasto de pessoas eu também não, mesmo agora com os meus, com a condição de os meus pais saberem eu não, não comento, não (...)* “. Aos poucos, decidiu contar aos amigos de uma forma direta e clara, “ *(...) Aos meus amigos mais chegados (...) só uma dessas pessoas é que sabia que, só um rapaz é que sabia (...) estávamos para ir embora, estávamos no parque de estacionamento e eu disse-lhes, olhem tenho uma coisa para vos dizer, eu sou gay. (...)* “. No local de trabalho apenas duas pessoas tinham conhecimento, uma delas sempre foi um grande apoio e acabou por saber “ *(...) é uma pessoa mais velha e acabei por lhe contar e disse-lhe e ela ah, sim e depois qual é o problema? Porque ela achava que eu, havia ali alguma coisa mal resolvida na minha vida (...)* “. Ao outro colega de trabalho afirma ter desenvolvido uma conversa e onde acabou por lhe contar.

Gonçalo, numa primeira instância contou apenas a amigos mais chegados e em concreto contou com o apoio da melhor amiga. Nessa altura contou à “ *(...) minha melhor amiga nessa altura, eu disse-lhe, olha, eu acho que sou... bissexual e ela: ah, eu sei! (...)* Não houve problema nenhum (...) “. Esta revelou de imediato já ter conhecimento e nunca sentiu problemas ou constrangimentos com a homossexualidade do amigo. “ *Com amigos mais chegados (...) reagiram bem... não... nunca houve nenhum afastamento por causa disso. (...)* “. No seu local de trabalho explica que “ *(...) havia uma colega minha, mais chegada que eu me dava, dava-me melhor, em âmbito de trabalho que... que sim, por acaso contei-lhe e ela, ela por acaso foi... falou comigo e também sempre me apoiou e ela também tinha amigos homossexuais e sim, não houve problema, mas mesmo só com essa minha colega, com que eu tinha mais à vontade*”. Hoje em dia, Gonçalo diz que não tem nada a esconder e que é- lhe indiferente se sabem

ou não da sua orientação sexual. Profere que “ (...) *não há nada a esconder, não tenho que contar a uns e a outros não, sei lá... quem souber sabe quem não souber não sabe...*”.

Denoto desde já que as amizades assumem um papel de extrema importância no que respeita à homossexualidade. Apenas Sónia não comenta a existência de um(a) amigo(a) próximo(a), que tivesse conhecimento e a ajudasse. Revela interesse em saber mais, e um contacto que a ajudou a perceber que era bissexual mas mais em contexto de relacionamento amoroso e não apenas de amizade. Nos restantes casos, todos eles revelam a existência de um(a) amigo(a) em particular, ou mesmo um grupo de amigos, que estimulou a vontade de se afirmar.

### **QUE REAÇÕES OBTIVESTE QUANDO TE AFIRMASTE? SURPRESAS E/OU DESILUSÕES...**

A mãe de Sónia, no momento da afirmação, foi receptiva e demonstrou que a apoiava. Conta que “ (...) *a minha mãe só disse: não tens de estar a chorar! Eu apoio-te não tens de estar assim (...)*”. “*A partir do momento em que eu percebi que a minha mãe aceitava e que os meus sobrinhos também aceitavam que não se estavam a importar com nada disso, epá, eu não quis saber e enfrentei tudo e todos.*” Desde que a mãe demonstrou à vontade e que não haveria problema, Sónia não sente receios nem medo de reações de outras pessoas e hoje enfrenta todos sem receios, sabe que a mãe estará do seu lado. O pai aceitou bem, talvez devido ao facto de ter um irmão gay, embora depois veio a revelar algum ciúme da atenção dada a Lena, a namorada de Sónia. Explica que “ (...) *ele disse depois até na altura que me apoiava bastante e que aceitava bem (...) passado uns meses ele começou-me a atirar à cara que importava-me mais com a “minha amiga” (...)* a minha irmã (...) *defendeu-me bastante nessa altura*”.

Na situação de Rui, apenas a irmã sabe, como já foi referido, esta confrontou o irmão. Rui sabe que a irmã não aceita muito bem embora nunca tivesse tido uma má reacção da sua parte “*ela à minha frente reagiu bem mas eu sei que ela tem muito preconceito, ou tinha na altura muito preconceito por trás dela, então não gostou muito (...)* mas à minha frente reagiu bem...”. Rui acredita o facto de ter pessoas que traíram a sua confiança, fizeram-no crescer. Outras, por outro lado, ajudaram e deram-lhe mais confiança para seguir em frente. Conta que “ (...) *arrependo-me de ter contado a*

*algumas pessoas...pessoas que eu pensava que eram de confiança e depois acabaram por não ser, mas olha faz parte dos erros. E se calhar, arrependo-me por um lado mas por outro ajudou-me a crescer e a ver as coisas de outra forma e a assumir de peito cheio, para não ter vergonha (...) mas por outro tinha pessoas que eram de confiança e que estavam lá para me ajudar nessas situações e diziam: Rui tens de ter orgulho! (...) ”. Explica que algumas pessoas se afastaram após saberem que era homossexual “ (...) mas já aconteceu virem-me pedir desculpas por se terem afastado (...) “.*

Fábio afirma ter sido alvo de gozo na escola por parte de outros rapazes da turma, “ (...) *pessoas conhecidas na escola, que me chamavam homossexual e que muitas das vezes chegaram a gozar comigo (...) “.* Quanto à afirmação perante os seus pais, Fábio, trata-se do caso em estudo com uma afirmação mais complexa e hostil. Conta, através de um longo testemunho que “ (...) *estava à espera de encontrar era que os meus pais iam chegar ao pé de mim e que provavelmente me iam abraçar e dizer que estava tudo bem e que me iam proteger e que me iam, mesmo perante a minha restante família que me iam proteger sempre e não, aquilo que eu encontrei quando cheguei a casa foi uns pais revoltados, chateados com a situação de eu ser homossexual (...) deduzo é que quando se trata dos filhos dos outros é muito mais fácil (...) “.* Fábio esperava uma reação e posição de apoio, conforto e aceitação mesmo perante a restante família, no entanto apenas obteve por parte dos pais revolta e contestação. Afirma ter passado por muitas discussões, onde foi responsabilizado por tudo, inclusive o facto de o “ (...) *meu pai sentiu-se mal inclusive..., aham..., a minha mãe culpou-me de tudo e mais alguma coisa, principalmente se acontecesse alguma coisa ao meu pai (...) a culpa seria minha, porque eu era homossexual, porque eu tinha de me afastar dos meus amigos, porque os meus amigos é que fizeram de mim aquilo que eu sou homossexual (...) a minha vida teve de dar uma volta de 360 graus (...) tinha liberdade total para tudo e mais alguma coisa (...) e de um dia para o outro eu comecei a ser bem mais controlado e ainda hoje noto esse tipo de controlo, com 22 anos então na altura tinha 18 (...) “.* Posteriormente, “ (...) *uma pessoa conhecida foi dizer a minha mãe que eu estava com muitas raparigas mas que não me agarrava a nenhuma portanto mesmo para a provocar e isso depois mais tarde em casa gerou outra confusão, a minha mãe veio-me dizer isto tudo e aí ela disse-me que não ia aceitar um filho homossexual, e que se eu quisesse para sair de casa. A minha primeira atitude foi realmente sair de casa (...) “.* Fábio revela que os seus amigos sempre o aceitaram e protegeram e “ (...), *felizmente, tenho amigos ótimos, amigos que me*

*ajudaram em tudo, disponibilizaram-se para me ajudar em tudo, para eu ficar em casa deles o tempo que fosse necessário, o tempo que eu achasse que era necessário para estar bem comigo mesmo e para dar esse tempo também aos meus pais (...) “.* Sente mágoa quanto à mãe pois sente que esta não foi capaz de o apoiar, tendo sido sempre o pai a lutar para a mãe aceitasse o filho como ele é. Em entrevista, desabafa que “ (...) *isso é uma coisa que me marca ainda mais porque... Geralmente são as mães que são mais ligadas aos filhos e que se for preciso até vão contra aos pais para aceitarem os filhos e no meu caso foi mais ao contrário o meu pai é que lutou um bocado com a minha mãe para me poder aceitar um bocado melhor ou poder dar mais o braço a torcer relativamente a essa questão, o meu pai é que demonstrou sempre uma maior ligação comigo do que, do que a minha mãe. O meu pai sempre tentou proteger-me um bocado mais.”.* Sempre esperou uma aceitação por parte dos pais pois sabe que os mesmos conhecem outros homossexuais e relacionam-se. Não compreende porque não existe uma aceitação com o próprio filho. Expõe que “ (...) *sempre ouvi dizer que quando é com os outros... pronto não há problema mas quando é com os próprios filhos já há (...) eu sempre achei que eles iam aceitar, porque eles também aceitam as outras pessoas... não percebo muito bem porque é que não me aceitam a mim... (...) o grande problema aqui, a grande questão é o que é que os outros vão pensar? Não é o facto de eu ser homossexual é o facto de o que é que os outros vão pensar sobre eu ser homossexual? (...) “.* Assim, acredita que o problema dos pais será aquilo que as outras pessoas poderão pensar sabendo que eles têm um filho homossexual.

Fábia afirma nunca ter tido nenhum episódio negativo no que refere à sua afirmação, “ (...) *não houve nenhum episódio que, que me tivesse marcado negativamente, pelo contrário sempre tive muito boas pessoas à minha volta, professores, alunos, colegas, nunca tive nenhum problema. (...) “.* A aceitação da mãe foi algo que a surpreendeu positivamente, não estava à espera de uma reação de felicidade e até alívio por parte da mãe e explica que “ (...) *nesse dia pensei: quem és tu e onde é que está a minha mãe? (...) Com a minha mãe foi... aaaa..., foi a reação mais espantosa que eu estava, que eu tava, olha eu não estava à, foi incrível mesmo!”.* Com o pai, Fábia conta que este aceitou bem e “ (...) *não tinha problemas nenhuns com isso, só queria que eu estivesse bem, me sentisse bem e que fosse feliz, que não havia problema nenhum (...) “.* Também a aceitação por parte da tia surpreendeu Fábia, a tia disse que apoiava Fábia, entusiasmada conta que “ (...) *ela também teve uma reação*

*incrível, incrível, disse que eu devia-lhe ter contado logo quando soube porque uma das melhores amigas da minha tia é lésbica e eu já sabia disso, uma das melhores amigas da minha tia é lésbica e ela disse-me, podias ter tido muito mais apoio, tanto da minha parte como da minha amiga (...) “.* Familiares da parte da mãe reagiram igualmente bem, aceitaram, inclusivamente, a companheira receberam-na como família, conta que “*(...) as minhas tias, lá está, são angolanas e como elas dizem angolano que se preze, recebe toda a gente na família e também receberam na altura a minha companheira de braços abertos fizeram uma festa, abraçaram deram beijos foi uma coisa, espetacular mesmo (risos) e o meu irmão idem em aspas, mas o meu irmão foi o primeiro a saber.”* Quanto ao irmão este reagiu de forma descontraída como algo natural. Na escola, apesar de não ser algo comum na altura em que Fábia se afirmou, afirma que nunca teve más reações apenas não acreditaram de início. “*(...) As minhas amigas mais próximas que também souberam logo praticamente, disseram logo que já sabiam, lá no fundo da alminha delas e que não havia problemas, (risos) aliás houve pessoas que se converteram nessa altura ou decidiram explorar outros caminhos, porque também sentiam que não estavam bem, bem como estavam, e que se calhar deviam experimentar a outra faceta da vida, houve pessoas que enveredaram por esse caminho outras pessoas que não, que acharam que afinal não é isto, mas a verdade é que servi um bocado de inspiração para algumas pessoas, nesse aspeto.”* No seu trabalho, os patrões conhecem o relacionamento lésbico que mantém, sendo que a própria namorada trabalha no mesmo estabelecimento. Conta que todos “brincam” com a relação e “*(...) estão sempre à espera do casamento e o meu patrão quer-me fazer o meu casamento (...)* “.

Will conta que a mãe, no momento da sua revelação, comportava-se de uma forma mais indignada mas que foi algo de momento. “*(...) A minha mãe estava assim um bocado mais indignada e o meu pai, o meu pai doeu um bocadinho mais porque o meu pai ficou com uma coisa, uma tosse que eu defino uma tosse de nojo, que ele parecia que provocava a tosse e parecia que se ia, que ia vomitar, pronto. E ele andou assim comigo, andou a lidar comigo assim sem falar comigo, mas passava por mim e era essa tosse de nojo para aí uns 3 ou 4 dias. A minha mãe não, a minha mãe ficou chocada naquela altura, ambos ficaram chocados (...)* “.

De momento, a mãe de Will tem fases em que quer saber sobre o relacionamento do filho, embora em outros momentos prefere não ter conhecimento. Will, conta que a mãe já esteve com o seu

namorado e não mostrou interesse em conhecê-lo. Explica que “ (...) *uns dias quer saber das coisas, está curiosa outros não quer saber de nada e evita (...) não houve ali uma apresentação (...) acho que também não havia ambiente para isso porque a minha mãe não estava muito interessada (...)* “. Relativamente ao seu pai, foi com a ajuda da irmã de Will que o pai voltou a dirigir-se e a falar com o filho. Explica que “ (...) *só depois quando a minha irmã... aham... vai lá jantar a casa, e ela tinha chegado a casa antes de de eu chegar, eu tinha vindo do trabalho, é que ela acalmou os ânimos e o meu pai começou a falar melhor comigo (...)* “. A sua irmã interveio com uma conversa de que seria pior se Will fosse drogado ou tivesse uma doença, conversa que Will desaprova. No entanto, Will conta que o pai o tem surpreendido. “ (...) *Eu tenho uma relação à distância que não é fácil, nada fácil (...) E quanto a isso o meu pai tem sido bastante surpreendente porquê, porque, eu como tinha de me deslocar o meu pai tinha, o meu namorado vive no norte do país (...) eu vou de comboio, (...) e o meu pai levava-me, tipo sabia que eu ia passar o fim de semana, (...) e ele bloqueava ali, ou seja não queria saber de mais nada. Ok vais à tua vida, tudo muito bem e eu posso-te dar boleia e dava na boa quanto a isso nunca houve... nunca negou. (...), recentemente,... aha..., o meu namorado foi lá a casa (...) e estávamos lá em casa e o meu pai entretanto tinha chegado do trabalho, e vejo o meu pai a evitar a situação toda e ir-se embora com o carro ou o que quer que seja e não! Estaciona o carro, entrou dentro de casa viu o meu namorado e cumprimentaram-se tipo na boa, completamente na “descontra” não houve qualquer comentário, “supercordial”, tem me surpreendido muito mais”. Diz que tem sido uma fase de adaptação para os pais e que “ (...) *está a correr melhor do que aquilo que eu estava à espera. Falam comigo de uma forma preocupada (...)* “. Da parte da melhor amiga, esta teve uma boa reação tornando-se uma grande apoio para Will “ (...) *a minha melhor amiga (...) foi a primeira pessoa a saber, ela sabe há muito tempo e foi um excelente suporte porque ela fez-me sentir aceite. (...) ela foi sempre uma pessoa mais tolerante do mundo e pá tenho muito a agradecer-lhe (...)* “.*

Gonçalo conta que sempre que foi alvo de comentários mas passou à frente e nunca guardou rancor. “ (...) *Mas já ouvi de amigos hum comentários assim um pouco negativos, ou não tão positivos mas não... neste momento falamos e não, não houve um afastamento total.*” Afirma que são situações ultrapassadas e resolvidas nunca havendo um afastamento total com as pessoas em causa. Os amigos não tão próximos apenas ficaram surpreendidos, mas sempre obteve boas reações conta que “ (...) *a reação de*

*amigos, não tão próximos foi mais de:... aah... a sério? Foi mais de admiração, não sabiam não é? Mas sim reagiram bem... não... nunca houve nenhum afastamento por causa disso (...)* “.

De entre os seis casos estudados, constato que entre amigos, todos os testemunhos revelam que foram bem aceites. Nunca sentiram que o facto de serem homossexuais ou bissexuais, provocasse um corte de relacionamento. No entanto, no que respeita ao seio familiar não se constata o mesmo. Fábio, aquando da revelação, não foi aceite por parte dos pais. Como descreveu, a sua afirmação acarretou vários problemas, discussões e revolta por parte dos pais. Não sentiu o apoio dos mesmos. Will, afirmou-se aos pais após confrontação da parte dos mesmos e explica que no momento inicial os pais sofreram um choque, o que conduziu a uma mudança de comportamentos perante Will. Apesar disso, hoje, o facto de Will ser homossexual, perante os pais, já se tornou algo mais natural e aceite em casa. Quanto a Rui, os pais desconhecem a sua orientação sexual, apenas a irmã sabe, uma vez que o confrontou. Sobre Sónia, Fábria e Gonçalo, apenas constato que foram bem aceites desde início. Nenhum deles sentiu qualquer tipo de rejeição por parte dos pais e, nestes três casos, perante restante família.

### **QUAIS OS MOTIVOS QUE TE LEVAM A AFIRMAR A HOMOSSEXUALIDADE?**

Sónia conta que com a aceitação da mãe foi capaz de enfrentar os outros. *“Assim que a minha mãe soube eu não tive problemas nenhuns em enfrentar o resto das pessoas. Já andava de mão dada com a Lena na rua e etc.* “.

Assim, hoje é capaz de se afirmar, bem como a sua relação, uma vez que sabe que tem a mãe do seu lado, não havendo por isso entreves no que respeita a afirmar-se perante amigos e colegas.

Rui não tem medo de se afirmar perante amigos. Acredita que sendo amigos não têm porque julgar, se o fizerem apenas pode cortar ligação com eles. O mesmo não se aplica à família, e refere que *“ (...) se são meus amigos não me vão julgar por isso os meus pais podem- me julgar mas não deixam de ser família (...) ”*. Em outros contextos que não familiares, Rui explica que caso sinta que o meio onde está é muito preconceituoso, não se intromete, sai. Por outro lado, noutros contextos mais informais, esse desconforto pode desencadear uma afirmação e descreve que *“ (...) se eu não*

*estiver à vontade para exprimir a minha opinião, sentir um entrave que não me deixa dar a minha opinião sincera, em várias coisas várias conversas eu aí conto. Porque eu gosto de me sentir à vontade...”.*

Fábio explica que decidiu afirmar-se perante os seu pais uma vez que “ (...) *não lhes queria andar a esconder muito mais tempo aquilo que... para onde eu ia ou... inventar mais umas desculpa e que vou para aqui e que vou para ali e então foi isso que me levou a contar aos meus pais, para a minha vida começar a ser um bocadinho mais fácil no sentido de eles aceitarem essa... a minha homossexualidade (...) eles são as pessoas mais próximas de mim então sim, achei que eles tinham que saber (...)* “. O facto de viver na casa dos pais, e sendo eles a sua família mais direta, optou por não lhes esconder mais a homossexualidade, procurando também uma libertação e procurando uma aceitação e compreensão por parte dos mesmos. No seu local de trabalho, quando confrontado afirma a sua homossexualidade uma vez que não tem vergonha daquilo que é, o mesmo se aplica em contextos sociais. Fábio refere que “ (...) *quando eu sou confrontado com outras pessoas e que eu vejo que as pessoas não vão ter algum problema com isso eu não tenho problemas também em assumir aquilo que sou.*”

Fábia afirma não ter problemas nenhuns com a sua afirmação e que se alguém não se sentir bem não terá de ser ela a mudar de sítio, por palavras suas diz que “ (...) *Não tenho problemas nenhuns, se alguém tiver tem bom remédio, não é, ide para um certo sítio que nós sabemos! (...)* “. Fora do meio familiar, nunca se interessou muito pela opinião de outros, acredita que tendo o apoio da família não terão de ser os outros a perturbar a sua felicidade e bem-estar. Acredita que a afirmação é um passo necessário seja qual for a sua orientação, não tem de se obrigar a revelar mas não deve guardar para si e esconder. Explica que “ (...) *é necessário! Uma pessoa não vai viver na sombra não é, na escuridão! Uma pessoa, seja o que for, seja lésbica, gay, seja transsexual, o que seja, tem que, não tem que escarrapachar na cara de toda a gente: olha sou lésbica, olha sou lésbica, olha sou lésbica, mas também não tem que se esconder na escuridão (...)* “. Defendia que mesmo não querendo assumir a sua orientação sexual, caso se encontre numa relação não tem de fingir que ela não existe “ (...) *não vejo porque não a pessoa assumir, não digo assumir a sua orientação sexual, mas assumir a sua relação, eu pelo menos sinto isso (...)* “. Considera ainda que a sociedade irá fazer a pessoa sentir-se diferente e que por uma questão de autoestima a afirmação é importante para que seja

algo sentido e vivido de forma natural e explica por palavras suas que “ (...) a nossa sociedade faz o favor de nos fazer sentir diferente aham, mas a realidade é que não somos e acho que é importante fazer isso é uma questão de... também de autoestima (...) “. Defende que, quando existe um contexto de conversa em que o assunto surja deve-se optar por falar de uma forma natural e “ (...) em conversa, se tiver que dizer eu digo e não tenho problemas com isso e acho que é uma coisa que é mesmo necessário (...) “. Por último refere que “ (...) ao menos a pessoa não está a viver uma mentira nem está a viver de baixo da mesa (...) e assume que é aquilo que é! E vive isso, tem que viver e o viver implica, viver situações boas, e viver situações más implica isso tudo e se o assumir para todo o mundo implica más reações, e boas reações aliás, principalmente as más reações a pessoa já está à espera disso mas só tem que aguentar, mas no fundo quando o faz é um alívio, mesmo que a reação da outra pessoa seja má, é um alívio, já está foi percebes, depois a outra parte é uma parte que work in progress, estás a ver?”

Will achou que entre amigos que não faria mais sentido esconder-lhes. Explica que “ (...) aqueles com quem eu saio todos os sábados pronto, só uma dessas pessoas é que sabia que, só um rapaz é que sabia (...) um já sabia e era rapaz é aquela coisa que às vezes os rapazes podem não lidar muito bem com a homossexualidade dos rapazes, as raparigas lidam muito melhor e eu ali saber no meu grupo de amigos o rapaz sabia e as raparigas não sabiam tipo porquê? Era um bocadinho absurdo. E então resolvi, ok, vou contar. Conteí. “ Afirma que não tinha nada a perder entre amigos e que os amigos devem saber grande parte da tua vida assim, “ (...) não faz sentido andar aqui a esconder as coisas, se eu tenho uma relação com essas pessoas há não sei quantos anos porque é que eu hei-de estar a esconder isto? (...) optei por contar... não tinha nada a perder (...) achei que não fazia sentido, não fazia sentido estar a esconder uma coisa porque lá está a amizade supostamente é isso, é tu... o teu amigo saber praticamente tudo da tua vida (...) “. No entanto,

Gonçalo explica que o que o motivou a contar a sua mãe foi o facto de a considerar como pilar, uma melhor amiga e que sempre lhe contou tudo e como tal faria todo o sentido ela estar a par desta faceta do filho. Com o padrasto, sendo este “ (...) um membro da família e senti essa necessidade (...) “. Fora de casa em meios sociais e de convívio afirma que não faz questão de contar mas se souberem não há problema.

Explica que “ (...) *não faço questão, se souberem tudo bem (...) sim sim...conversamos sobre isso... mas não ficam chateados ou há afastamento, não! Mas conversámos muito (...)* “. Assim, surge uma conversa, havendo uma afirmação natural e espontânea, nunca tendo tido más reações e afastamentos, optando até ao momento por agir assim.

Sobre as motivações que desencadeiam uma afirmação, nos casos estudados, existem algumas semelhanças. À exceção de Will, todos os restantes cinco casos, tendem a fazer uma afirmação de uma forma natural e espontânea entre amigos. Desenvolvendo conversas, em convívio, optam por serem eles mesmos sem inibições de temas. Explicam que mais cedo ou mais tarde, amigos mais próximos, vão percebendo das suas orientações sexuais. No caso de Will, sempre resguardou a informação para si, havendo poucos amigos com conhecimento. Quando refletiu sobre o assunto, optou por contar aos amigos de uma forma direta e clara. Foi bem aceite por todos.

### **QUAIS OS MOTIVOS QUE LEVAM À NÃO AFIRMAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE?**

Sónia conta que “*Não fui eu propriamente que contei*”. Não tomou a iniciativa de se revelar por medo da reação da mãe e não a queria ferir. Sónia “ (...) *só pensava o que é que a minha mãe poderia achar porque sempre disse que... se a minha mãe não gostasse, por exemplo o facto de eu namorar com a Lena (...) deixava a Lena completamente para trás e era a minha mãe que importava por tudo aquilo que ela já sofreu (...)* “. No entanto, quando confrontada opta por não mentir à mãe, mesmo sem saber que reação iria obter. De momento, as únicas pessoas que não sabem do seu relacionamento são as funcionárias das residências onde vivem. “ (...) *as funcionárias da nossa residência não sabem da nossa relação, mas também nós não... não também não contamos, não é por medo nem nada disso, simplesmente nos damos bastante bem com elas e não queremos que comecem a ter uma atitude diferente connosco*”. Prefere não contar pois sente que pode estragar a boa relação entre todas e opta por manter o bom relacionamento, explica que “ (...) *não vale a pena estar a estragar uma relação com as funcionárias, que basicamente ali são as nossas mães por isto, porque eu depois nunca mais as vou ver na minha vida (...)* “.

Rui, prefere não contar aos pais, nem tem perspetiva de o fazer, explica que conhece a visão que os pais têm sobre o tema. Afirma que o pai tem uma opinião muito

negativa sobre a homossexualidade. A mãe tem uma posição de indiferença e desinteressa sobre o tema. Explica que “ (...) o meu pais não, não, tudo não. Não gosta, não aceita, não percebe, não entende, é tudo uma nojice. A minha mãe, diz ou pensa ah deixa-os estar lá no seu canto. Não me importo mas deixa-os lá estar no seu canto. (...) ”. Afirma não sentir necessidade de contar, diz que não iria trazer maior realização, embora admita que é algo importante na vida dele, prefere esconder dos pais, sabendo que os iria magoar. Refere ainda que “o facto de não saberem obviamente estou-lhes a esconder algo importante para mim mas... eu prefiro estar a esconder isso do que estar a magoá-los” e “ (...) sei que não vou ter nenhuma realização maior por contar-lhes (...) ”. Em contexto de trabalho, uma vez que tem colegas de trabalho, com quem tem de lidar diariamente prefere não causar mau ambiente, uma vez que não sabe qual a reação dos mesmos. Assim, se o Rui contar diz que “não vai pôr em risco o meu trabalho, a minha relação com alguns colegas talvez” e “ (...) se eu me quiser manter no trabalho vou continuar a dar-me com aquelas pessoas, tenho de ter a certeza que não existe um mau ambiente de trabalho (...)”.

Fábio, quando sente que não será aceite no meio onde se encontra, retrai-se optando por não contar na tentativa de evitar problemas. Esclarece que “ (...) vou-me retrair porque também não quero arranjar problemas (...) “. Afirma que socialmente não demonstra que é homossexual, é algo que defende não ter de divulgar e afirmar, explica que “ (...) perante a sociedade tento esconder um bocado (...) ” e que “ (...) não tenho de andar a divulgar pelo mundo aquilo que sou (...) não tenho que divulgar a minha vida a mais ninguém, não tenho de estar a afirmar-me perante a sociedade como uma pessoa homossexual porque eu sou igual a outra pessoa qualquer (...) “. Perante a restante família não faz intenções de lhes contar pois considera desnecessário e explica que opta por não o fazer “ (...) porque eu acho parvo ter que dizer às pessoas que sou homossexual, não tenho que me afirmar, não tenho que afirmar que sou homossexual assim como também não teria de afirmar às pessoas que era heterossexual (...) ”.

Will, é uma pessoa com receios e por isso evita correr riscos ao contar que é gay, assim no local de trabalho atual, opta por não contar pois acredita que os colegas não estão preparados “ (...) onde eu estou não tenho intenções de o fazer porque acho que não são pessoas que estejam preparadas para isso (...) “. Defende que “ (...) Não é uma coisa que eu goste de andar aí a espalhar porque acho que as pessoas também não

*têm de saber de tudo da minha vida. (...) ”. Assim, a sua orientação sexual é algo que não gosta de partilhar, acredita só a ele lhe dizer respeito.*

No caso de Gonçalo, o pai é o único elemento que não está a par da sua orientação sexual. “ (...) *Neste momento ele não... penso que não, nem imagina (riso)! (...)*  “. Gonçalo diz que o pai nem imagina e por isso mesmo tem receio de lhe contar, uma vez que não sabe o que esperar e conta que também o pai teve amigos homossexuais. Pensa que “ (...) *ele se calhar até ia... não ia ficar muito chocado, (...) mas não sei, penso que ainda é muito cedo “pra” dizer algo... ”.*

Hoje, Sónia não se inibe de falar. Desde de que a mãe tem conhecimento e foi compreendida pela mesma, todos em seu redor têm conhecimento da sua orientação sexual e da sua relação. Explica que apenas com as funcionárias da residência onde vive, optou por não contar pois receia não ser bem compreendida e poder vir a estragar uma boa relação. Rui, indica que o facto de saber a opinião negativa que os pais têm sobre a homossexualidade, o impede de lhes contar. Diz não os querer magoar e que no fundo, sendo a sua vida privada, a afirmação perante os pais não lhe traria benefícios. Também no local de trabalho opta por não falar sobre a sua orientação sexual. Quer evitar situações constrangedoras e mau ambiente entre colegas. Fábio defende que a sua vida é pessoal, e como tal não faz questão de se expor. Em família mais alargada (avós, tios, primos), opta por não se afirmar pois o facto de ser homossexual não significa que tenha obrigatoriamente de se expor. No caso de Will, este não se sente à vontade para falar da sua orientação ou dar sinais que potenciem uma compreensão natural do facto. Mesmo no local de trabalho opta por não falar do assunto, acredita que os colegas não estão preparados para tal informação. Assim, de uma forma geral, Will prefere resguardar essa informação, não banalizando o tema em conversas comuns. No caso de Gonçalo, este só apresenta motivos para não se afirmar perante o seu pai, uma vez que receia a reação do mesmo. Acredita que o facto do pai ter tido amigos homossexuais possa facilitar a aceitação, no entanto receia que não seja compreendido e, por isso, não se afirma.

### **EM PÚBLICO, COMO É SER HOMOSSEXUAL?**

Sónia conta que “*assim que a minha mãe soube eu não tive problemas nenhuns em enfrentar o resto das pessoas (...)*  “. Assim, com a aceitação da mãe foi capaz de

enfrentar os outros e por isso hoje não nega um carinho a Lena só por estar em público, no entanto não faz por se expor. “ (...) *Eu reajo normal, se eu tiver que dar um carinho à Lena, dou um carinho à Lena, ah mas nunca vou fazer nada propositadamente (...)* “. Na sua terra de origem, opta por manter alguma descrição na rua, “ (...) *não é por mim mas lá está eu gosto de respeitar as outras pessoas (...)* *Eu sei que não é por dar um beijo ou dar a mão que vou estar a desrespeitar mas há pessoas que não têm uma mente, sei lá, tão atual entre aspas (...)* *mas por exemplo na Guarda, que é onde eu estou a estudar, tou completamente na boa! É uma população muito mais jovem, que por norma aceita mais esta realidade (...)* *por norma ando sempre de mão dada com a Lena*”. Percebemos que Sónia prefere não desrespeitar ninguém ou criar situações desconfortáveis e na terra onde estuda, sente-se totalmente à vontade, afirma ser um local mais jovem e que aceita bem esta realidade.

Rui revela não ser uma pessoa muito afectiva em público no entanto se a pessoa com quem estiver, se sentir à vontade, gosta de dar a mão na rua. Explica que “*se há mostras de intimidade na rua? não! Também porque não depende só de mim, depende da pessoa com quem estou também, mas também não faz parte de mim mostrar grandes carícias na rua. (...)* *Nunca tive assim preconceito direto na rua...(...)* mas “ (...) *se sentisse o conforto na outra pessoa eu também estaria*”. Sentir-se-ia constrangido se fosse diretamente abordado em público mas iria seguir a sua vida e acrescenta que “*podem me incomodar e se houver alguma resposta direta sim incomoda-me, incomoda-me de certeza, mas não vou deixar de viver por isso*”.

Na opinião de Fábio, em público não tem que se mostrar, sendo ele uma pessoa reservada, não gosta de trocar afetos em plena rua. “ (...) *Quando saio à rua não faço grandes intensões de andar de mãos dadas com o meu namorado até porque na cidade onde eu vivo, apesar de ser uma cidade, é uma cidade muito pequena em que as pessoas acabam por se conhecer umas às outras (...)* *não faço grandes intensões de andar na rua de mãos dadas com o meu namorado porque lá está também não quero que as pessoas cheguem ao pé dos meus pais e lhes digam que me viram na rua de mãos dadas com um rapaz. (...)* *Não acho que tenha que haver afetos em público num casal heterossexual, portanto também não tem que haver num casal homossexual (...)* *se as pessoas olharem, olham simplesmente não mostramos afetos mas também não passamos despercebidos um com o outro (...)* “. Assim, opta por ser discreto na rua

quando acompanhado do seu namorado. No entanto, explica que “ (...) *se tivesse mais liberdade para isso, se não tivesse num meio tão pequeno como eu estou, ... aha... muito provavelmente, uma vez por outra, dava um beijo no meu namorado porque sabia que a sociedade também o ia aceitar e que não ia haver problema (...)* “. Fábio expõe que é entre amigos que se sente livre, tornando-se uma pessoa mais afetuosa, havendo espaço para ser aberto consigo mesmo sabendo que não irá existir recriminação ou julgamento por parte dos amigos, como explica “ (...) *os meus grandes amigos (...) já não me vou estar a retrair enquanto pessoa homossexual, se eu estiver com o meu namorado não me importo de lhe dar um beijo em frente a eles, porque sei que eles não me vão recriminar nesse sentido (...) eu já sou uma pessoa mais aberta, já sou uma pessoa mais dada a afetos (...)* “.

Fábia, conta que em conversa “ (...) *calhou referir à minha namorada, porque é tão natural para mim que eu digo do tipo tranquilamente seja a quem for, não tenho problemas nenhuns (...)* “. Explica que fala naturalmente e refere que tem uma namorada como se referisse namorado, seja em frente de quem for, não se sente retraída ou preocupada com o que vão pensar. Na rua, diz não ser muito expressiva, tal como a sua namorada mas porque não são pessoas de o fazer, fosse com rapaz ou rapariga. Por palavras suas explica que “ (...) *nós não somos pessoas, nem eu nem ela, de demonstrações públicas de afeto (...) nem com homens nem com mulheres, não somos assim, andamos de mão dada, muitas vezes, ... aham..., ela não tem problemas nenhuns em dar-me um beijo na boca no meio da rua, nem eu a ela quando calha damos, não nos sentimos obrigadas “a” nem queremos estar a chocar ninguém, é o que é uma vida normal (...) não é uma coisa que nos, que nos, impeça de fazer seja o que for, (...) é uma coisa normal, sai normalmente, naturalmente...* ” Se tiver que dar um beijo em plena rua dão, não se evitam e também não se expõe propositadamente, considera algo natural e normal. Nunca foi abordada ou atingida por insultos na rua mas acredita que o facto de estar numa cidade grande facilita a aceitação.

Em conversas triviais, Will não fala da sua orientação ou do seu relacionamento, explica que “ (...) *é uma coisa que... surja em conversa com alguém, mantenho o perfil hétero (...)* “. Acredita que muitas vezes possam julgar, embora não o demonstrem e por isso prefere não avançar para uma afirmação direta, escondendo a sua homossexualidade. Fora de contextos mais íntimos e reservados, Will, não beija o

namorado em público, no máximo por vezes dão as mãos. Mantem descrição na rua não querendo correr o risco de encontrar pessoas conhecidas e tornar-se uma situação constrangedora, explica “ (...) não beijo meu namorado, uma circunstância ou outra posso andar de mãos dadas com ele (...) mas (...) Leiria acabou por me surpreender, em todo o caso mantenho aqui algum lowprofile. Às vezes tenho um bocadinho de medo, receio de encontrar pessoas conhecidas (...) “. Expõe que sente falta de poder dar um beijo ou andar de mãos dadas sem sentir julgamentos ou olhares de outras pessoas, tornando-se um hábito do casal não se manifestarem em público. Conta ainda dois exemplos onde sente que foi discriminado por se apresentar acompanhado de um rapaz. Num restaurante, conta que era dia dos namorados e “ (...) foram-nos levar à mesa. A rapariga que nos levou à mesa não tenho nada a apontar, agora o rapaz... o rapaz que nos foi atender foi com uma arrogância e uma prepotência, uma superioridade (...) “. Outro caso que Will descreveu em entrevista passou-se num hotel onde o casal foi pernoitar. Quando referiram a reserva de um quarto de casal para os dois, o senhor que os atendeu trocou de imediato o quarto de casal por um twin de duas camas separadas. Por palavras suas explica que “ (...) a primeira noite que eu passei num hotel, eu tinha feito a reserva e quando cheguei lá o senhor viu que eram dois rapazes e perguntou, então mas você pediu um quarto de casal e eu... eu nem tive tempo de dizer que sim ou que não, o senhor passou-nos para quartos twin, para um quarto twin, e eu nem disse nem ai nem ui, nem... nem tive tempo de reagir de lhes fazer escândalo (...) “.

Gonçalo afirma que quando está em público com o seu namorado age como se fossem apenas amigos, devido à sociedade e o seu possível julgamento, “ (...) claro que há sempre... um carinho diferente mas, mas sim mais como amigos, sim, tanto que a pessoa com quem eu estou agora não é tão assumida como eu mas sim eu respeito que estejamos mais nessa parte de amizade, vá, não tentando esconder a nossa orientação mas mais pelo respeito (...) “. Uma vez que o seu namorado não é assumido, serão vistos como amigos em público, não no sentido de esconder a sua orientação sexual mas por respeito ao namorado. Fica frustrado por saber que a sociedade não consegue ver mais além, defende que amor é amor independentemente de com quem seja e defende que “ (...) amor é amor, porque é que um rapaz não pode namorar com um rapaz ou uma rapariga com uma rapariga, whatever, não entendo e sim sinto raiva das outras pessoas sim e faz-me confusão de o porque de elas não... da sociedade ainda não

*aceitar, ainda ficar tão chocado por ver um simples dar de mão de uma pessoa do mesmo sexo (riso irónico) parece que é algo muito transcendente...*” Quando ouvi comentários como “ó paneleiro!” ainda fico estupefacto, chocado e sem saber como reagir, não só com ele mas mesmo com outras pessoas, não compreendo a visão limitada que a sociedade tem. Desabafa que “ (...) quando eu ouço isso eu, não sei, eu não sei se ria, se chore mas é algo que eu fico assim um bocado chocado de ouvir mas não só comigo como às vezes vejo a outras pessoas, pessoas a chamarem esses nomes a outras e fico chocado como é que as pessoas ainda não... não conseguem ver mais “pra” lá, mas pronto”. Em situações onde se sinta discriminação afirma que defende, fala e explica a homossexualidade quando se sente confrontado. Mesmo argumentando sente que as pessoas ficam fechadas nas suas ideias preconceituosas e que são incapazes de ver a homossexualidade com normalidade e naturalidade e diz que “ (...) na maioria das vezes sim, falo e defendo. Sou... se for preciso sou o primeiro a defender a homossexualidade (...) muitas delas ignoram e não querem saber, ficam com a razão delas mas eu tento dizer que... que não é bem isso que estão a dizer... é isto assim... mas sim ignoram, ignoram porque têm a ideia delas, dizem que a homossexualidade é isto e aquilo mas sim, defendo sempre e argumento sempre (...) para as pessoas abrirem os olhos de uma vez por todas, para não ficarem com a ideia de que a homossexualidade é um mundo à parte, que não, que a homossexualidade é uma coisa normalíssima (...) “.

Em primeiro lugar, é de realçar que nenhum dos casos opta por de exibir de forma propositada na rua e locais públicos. Nos seis casos estudados, todos disseram não ter muita tendência para grandes demonstrações de afeto, independentemente de se apresentarem como casais homossexuais. No entanto, Sónia e Fábria, são os elementos que mais se sentem à vontade em realizar pequenas demonstrações de afeto, como um beijo ou um carinho. Assim, apesar de não gostarem de se exibir, não se retraem totalmente, e se for caso, não negam afetos apenas por estar fora de casa. Por outro lado, Rui, Fábio, Will e Gonçalo, acabam por se retrair, não havendo qualquer tipo de demonstração de afeto entre o casal quando se encontram em locais públicos. Revelam que sentem receio de ser criticados ou julgados.

## **CAPÍTULO 5 - DISCUSSÃO DE RESULTADOS**

Depois do capítulo 4, onde são apresentados os entrevistados, segue-se a discussão dos resultados. Aqui, será feita uma análise, bem como exploração dos testemunhos. Será feita a discussão referente aos tópicos já apresentados bem como, a procura de uma visão hermenêutica dos mais diversos comportamentos de afirmação homossexual.

### **QUAL É A TUA ORIENTAÇÃO SEXUAL?**

No que refere à orientação sexual dos entrevistados, dos seis elementos, quatro responderam como homossexuais, contemplando Fábria como lésbica. Sónia e Gonçalo caracterizaram-se como bissexuais. Todos eles revelaram firmeza, segurança e um certo orgulho quando identificaram a sua orientação sexual.

Se quiser atribuir um nível no processo de *coming out*, atribuo a todos os elementos estudados o terceiro e último nível – a integração (Frazão 2008, p. 32). No entanto, faço desde já uma ressalva no que respeita ao caso de Rui. A meu ver, o Rui parece encontrar-se num momento de “entre fases”. Não se identifica com a segunda fase – tolerância, mas também não se identifica com a terceira fase – integração. Os restantes, todos eles, de momento, parecem aceitar-se, têm conhecimento no que respeita à sua orientação sexual e à forma como a vivem. Todos eles já passaram pela fase de intramediação (Torremorell, 2008, p. 72), onde a reflexão, pesquisa e procura de respostas está concluída.

### **COMO É QUE DESCOBRISTE?**

Quanto ao processo de descoberta e exploração, dos entrevistados aqui retratados, apenas um dos entrevistados não optou pela exploração imediata. Will quando sentiu algo de diferente e confuso optou por ignorar e fortalecer amizades, acabando por colocar de parte a sua vida mais íntima e amorosa durante os quatro anos seguintes. Todos os restantes entrevistados revelam que, ao sentir algo de diferente, optaram pela exploração dos seus sentimentos.

Nesta primeira fase de constatação de algo diferente, a mediação intrapessoal (Torremorell, 2008, p. 72) revelou ser uma ferramenta comum e usual. Todos eles, cada

um na sua singularidade, utilizaram este meio de mediação intrínseca, necessária. Foi algo, que todos tiveram que desenvolver para si mesmos e que os permitiu refletir, procurar e compreender. Seja através da internet, séries televisivas ou mesmo com outras pessoas, quer em contexto de amizade ou de relacionamento amoroso, todos eles revelaram interesse em saber mais sobre si mesmos e compreender ao certo o que estavam a sentir.

### **COMO É QUE SAÍSTE DO ARMÁRIO? DA TUA FAMÍLIA QUEM SABE?**

Todos os casos apresentados revelaram em entrevista que alguém da sua família sabe. Nos seis casos, apenas três optaram pela afirmação direta na primeira pessoa – Fábio, Fábria e Gonçalo. Os restantes apenas se afirmaram quando foram confrontados por parte de alguns familiares – Sónia, Rui e Will. Mesmo havendo vontade de contar, os medos e receios não os deixavam avançar para uma saída do armário (Moz, 2011, p. 374). No entanto não existe negação por parte dos entrevistados no momento em que são confrontados e todos eles optam por dizer que sim, revelando a sua homossexualidade ou bissexualidade. Casos como Sónia, Fábio e Will viveram, até ao momento da revelação uma vida dupla (Frazão 2008, p. 32), em casa mantinham o perfil heterossexual. No entanto, entre amigos agiam livremente, deixando transparecer a sua verdadeira orientação sexual. Quanto ao Rui, uma vez que os pais ainda desconhecem a sua orientação sexual, perante eles, continua a viver uma vida dupla. Como já referi anteriormente, Rui, aparenta, encontrar-se num momento transitivo entre a segunda fase - a tolerância, para a terceira fase – integração, no que respeita ao processo de *coming out*. O facto de guardar segredo perante os seus pais, leva-o a conduzir uma vida dupla. Em casa, age como heterossexual, no entanto, fora do contexto familiar, revela ser uma pessoa sem constrangimentos.

### **E OS TEUS AMIGOS E COLEGAS SABEM?**

Todos os casos aqui representados revelam que, perante os seus amigos existe uma total afirmação. Sentem-se eles próprios no seu grupo de pares e por isso agem sem constrangimentos. Após a exploração e quando começa a haver um momento de interiorização da sua própria orientação sexual, todos têm tendência a deixar transparecer perante os amigos, a sua orientação sexual, fazendo mesmo questão de contar-lhes. Assim, de acordo com Frazão (2008, p. 32), passada a fase de

sensibilização, e começando a entrar na fase da tolerância, existe uma tendência notável de afirmação perante os seus amigos. Mesmo não havendo uma afirmação perante a família, é no contexto social, em grupo de pares, que decorre a primeira via de afirmação.

Fábia e Gonçalo revelaram que quando contaram aos seus amigos, estes referiam que já sabiam e que não era novidade aquilo que afirmavam. A meu ver, havendo já uma suspeita por parte dos amigos tanto Fábia como Gonçalo, agem de uma forma natural e espontânea, desprovida de medos, receios ou constrangimentos. Assim, quem se encontra ao seu redor e é mais próximo, toma naturalmente conhecimento da orientação sexual de Fábia e Gonçalo. Também Rui segue esta trajetória de comportamentos, agindo de forma natural e espontânea, acredita que os seus amigos se vão apercebendo, havendo uma afirmação muito natural. Fábio e Will defendem que sendo amigos, eles devem saber. Trata-se de uma decisão que foi pensada e que após reflexão, entenderam que não faria sentido não contar que são homossexuais, uma vez que acreditam que os amigos servem para apoiar e ajudar e como tal, devem estar elucidados das orientações sexuais de cada um. Leva-me a concluir, que de momento a integração (Frazão 2008, p. 32), faz parte da vida dos casos estudados.

Em locais de trabalho, à exceção de Fábia, todos eles tendem a ser mais reservados. A afirmação nem sempre decorre por vontade dos mesmos. No caso de Fábio e Will, a afirmação aconteceu porque foram confrontados de uma forma direta e só aí se sentiram dispostos a confirmar, nunca havendo uma negação. Rui, no entanto, não foi ainda confrontado e, assim, opta por garantir um bom ambiente entre colegas, não havendo por isso uma afirmação. No caso de Sónia, a questão da afirmação perante colegas de trabalho não é referida, uma vez que a mesma nunca trabalhou e, portanto, nunca esteve inserida nessa situação.

Assim, denoto que a mediação interpessoal (Torremorell, 2008, p. 70) está bem presente no que respeita à afirmação homossexual perante os amigos. Mas não só, pois também a mediação intrapessoal está presente na afirmação do eu homossexual. Facilmente constatamos a presença destes dois níveis de mediação nos casos apresentados, onde a mediação decorre naturalmente e “veicula a convivência” (Torremorell, 2008, p. 70) entre amigos. Os dois níveis de mediação, encontram-se

difundidos e incorporados, num processo tão complexo e atribulado que é a afirmação da identidade sexual. Dois tipos de mediação que transcendem os seus níveis de categorização. Neste contexto, refiro-me à mediação como meio de interação, convivência e mesmo integração. Assim, está presente a mediação interpessoal, mas também a mediação intrapessoal, onde o sujeito não se encontra apenas perante um conflito com os amigos mas também perante um conflito consigo mesmo sobre afirmar-se ou não. Não se trata do típico conflito entre as partes, onde existe razão e/ou culpa. O conflito aqui presente é mais amplo e ambíguo. É um conflito do sujeito (intrapessoal) que se estende como uma sombra, até ao seu amigo (interpessoal). Trata-se sim, de um momento em que a mediação surge como uma ferramenta invisível que permite à pessoa avançar perante si mesmo. A mediação acompanha o sujeito de uma forma tão profunda e intrínseca que ambos, o si mesmo e o superego sofre uma metamorfose como se de dois sujeitos em interação se tratasse. Sai do contexto intrapessoal, tomando a decisão de contar ao outro, tornando-se algo interpessoal.

### **QUE REAÇÕES OBTIVESTE QUANDO TE AFIRMASTE? SURPRESAS E/OU DESILUSÕES...**

Como podemos constatar após analisar os testemunhos apresentados, as afirmações estudadas tendem a ser bem aceites. Em contexto social, não se constata afastamentos ou cortes relacionais, pelo menos de longa data. Quando entre amigos, todos os testemunhos afirmam ser bem aceites, compreendidos e até mesmo protegidos, como é exemplo o caso de Fábio e Fábia.

No que refere à afirmação perante a família, nos casos apresentados podemos constatar que existe uma afirmação que não foi aceite, o caso do Fábio. Existe uma afirmação que resultou num choque inicial, por parte dos pais, o caso de Will. Existe um caso de não afirmação aos pais, o caso de Rui e por fim, Sónia, Gonçalo e Fábia descrevem uma afirmação bem aceite e em que os seus familiares apoiam. Como já foi referido, também os pais necessitam de gerir e fazer o seu próprio *coming out* (Zanatti, 2016, p. 22). À exceção do caso de Rui, os pais aqui representados, revelam diferentes *coming out*.

Nos casos de Sónia, Fábia e Gonçalo, tratou-se de uma afirmação aceite desde início, em que os pais rapidamente se mobilizaram a mostrar apoio e compreensão para

com o seu filho. No caso de Will, os pais revelaram sofrer de um choque momentâneo que veio a condicionar a rotina do contexto familiar, alterando alguns comportamentos perante o filho, como é exemplo “ a tosse de nojo” referida pelo próprio Will.

No entanto, é no caso de Fábio que se observa um maior impacto no quotidiano familiar. Acredito que, os pais de Fábio reagiram de uma maneira mais ofensiva, devido ao facto de não saberem ao certo com o que estão a lidar nem como gerir a informação. No momento, não houve tempo para refletir sobre o assunto. A intramediação (Torremorell, 2008, p. 70), não existiu da parte deles. Desencadeou um processo de intolerância, agressividade e negação. Zanatti (2016, p. 23) é da opinião de que “somos treinados para conviver com o que devíamos combater, e combater ou discriminar o que devíamos incluir e abraçar” e neste caso em particular, penso que também os pais de Fábio, reagiram em modo defesa. Assim, a atitude de revolta que demonstraram, revelou em entrevista, uma ferida, mágoa e desilusão de Fábio perante os seus pais. Este é o caso onde a mediação era indispensável e essencial, para uma maior compreensão das partes, garantindo uma atitude hermenêutica, respeito e inclusão, para com o Fábio.

### **QUAIS OS MOTIVOS QUE TE LEVAM A AFIRMAR A HOMOSSEXUALIDADE?**

Ao longo da realização das entrevistas fui constatando que a afirmação, bem como as suas motivações, nem sempre dependem do apoio e suporte dos pais. Aqueles que se afirmaram e foram bem aceites pelos pais, declaram sempre sentir o seu apoio e que mais ninguém irá interferir com a sua felicidade, pois sabem que podem contar com o suporte familiar. Como exemplo disso temos Sónia, Fábria e Gonçalo, que tendem a afirmar-se nos mais diversos contextos, sem preocupações ou receios. Quando me refiro a estes três casos, é de realçar que para além de serem aceites e apoiados dentro do núcleo familiar, estes, avançaram para uma afirmação perante os restantes familiares. O facto de serem bem aceites pelos pais, tem proporcionado, nos casos estudados, uma vontade acrescida de que a restante família também tenha conhecimento da sua orientação sexual. Assim, constata-se uma saída plena do armário bem como uma plena integração (Frazão 2008, p. 32) no que respeita ao contexto familiar.

No entanto, nos restantes casos, todos eles são capazes de se afirmar em diversos contextos, principalmente no contexto social e entre amigos. Nunca negando ou

refugiando o seu ser e natureza homossexual, mesmo sem ter o apoio dos pais e família. Assim, nos casos apresentados, a falta de apoio familiar não significa reserva total de si mesmo, revela apenas uma afirmação mais controlada e ponderada.

### **QUAIS OS MOTIVOS QUE LEVAM À NÃO AFIRMAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE?**

Os casos retratados no presente trabalho, nunca tiveram orientação, formação ou conhecimentos sobre mediação, no entanto todos eles a aplicaram. Não havia um terceiro elemento imparcial, que estimulasse o diálogo (Jarez, 2002, p. 153). Todos eles se transformaram (Vieira & Vieira, 2016, p. 38) em mediadores e mediados em simultâneo.

De entre os casos apresentados, apenas Fábria não apresenta motivos para que não haja uma afirmação e defende que a afirmação é algo fundamental para o bem-estar consigo mesmo. Todos os restantes elementos apresentam sempre algum receio ou constrangimento no que respeita à sua afirmação. Importa compreender que nem sempre o medo é o único motivo da não revelação. Sónia receia contar apenas às funcionárias da residência onde vive, não querendo deteriorar a boa relação com as mesmas. Acredita que pode não ser compreendida e não arrisca. Gonçalo apenas não se afirma perante o seu pai, receios sobre possíveis reações, impedem-no de tal passo.

Tanto Will como Fábio tocaram no tema da privacidade e no conceito de vida íntima e pessoal. Ambos defendem que não têm de se afirmar, seja qual for a sua orientação sexual, trata-se um assunto privado e que só a eles lhes diz respeito, como tal não será algo que tenham de explicar a toda a gente. “A resolução do conflito interior assim gerado assume sempre a forma de uma deslocação de fronteiras, de um reequacionamento daquilo que se é ou não se é” (Brandão 2008, p. 15). Neste sentido, Fábio vai mais além e expõe a sua visão de uma forma que ainda não havia sido pensada até ao momento. Explica que se fosse heterossexual, nunca teria de contar nada, não iria revelar a sua heterossexualidade. Assim, sendo a homossexualidade apenas mais uma orientação sexual, não compreende a necessidade de ter de se revelar como se de algo estranho se tratasse. Defende que é uma pessoa como qualquer outra e não tem de se expor. Nota-se que existe alguma reflexão sobre a temática. Acredito dever-se ao facto de ter sido o caso de afirmação mais complexo, e que por sua vez, tenha

desencadeado em Fábio um pensamento reflexivo e crítico sobre a necessidade de afirmação.

### **EM PÚBLICO, COMO É SER HOMOSSEXUAL?**

Em público, alcançamos diversos comportamentos. Estes vão desde afirmação total, descontração e naturalidade nas suas ações, até ao agir como heterossexual, escondendo de todo a sua homossexualidade. Sónia e Fábria são os elementos entrevistados que afirmam mais à vontade na rua. Não fazendo por se expor, consideram que devem agir naturalmente, como se de uma relação heterossexual se tratasse. Sentem uma plena integração (Frazão, 2008, p. 32) de si mesmas enquanto seres sociais e por isso sentem-se livres para serem elas mesmas.

Nos restantes casos, todos eles optam por manter a descrição e garantir que não há comportamentos que possam desencadear uma suspeita de homossexualidade, excepto caso se encontrem na companhia de amigos que sejam conhecedores. O medo da sociedade, dos olhares e dos insultos, impedem-nos de agir naturalmente em público. Parece-me que, como “os rapazes aceitam melhor os comportamentos homossexuais entre raparigas que entre rapazes, enquanto que as raparigas aceitam ambas num grau similar.” (López e Fuertes, 1999, p. 111), os elementos do sexo masculino entrevistados, revelam que não se expõem em público. Para além de serem discretos, denoto que, a afirmação, em todos os casos, tende a surgir em primeiro lugar perante amigos. Torna-se mais fácil afirmar para outras pessoas, fora do contexto familiar, numa vertente mais social do que, perante a família.

De momento, após refletir, observar e contemplar os diferentes testemunhos, alcancei uma visão muito simples e clara, de pontos nunca antes meditados. Os casos aqui estudados, que se afirmam socialmente, têm algo em comum com os que se escondem: o fator que promove a afirmação ou não. Ou seja, partes tão diferentes e distantes - entre os que se afirmam e os que optam por não o fazer – têm um só motivo em comum. Compreendi que aquilo que determina uma afirmação ou não, nos seis casos objetos de estudo, tem sempre o mesmo motivo: a sociedade.

Por um lado, aqueles que se afirmam, acreditam que a sociedade deve crescer, deve ganhar respeito pela individualidade sexual e vida própria. Não deve colocar

entraves à sua felicidade e bem-estar, e por isso, afirmam-se numa luta por si, numa luta pela felicidade e liberdade sexual. Defendem que deve existir uma integração (Frazão, 2008, p. 32) não só das mais diversas orientações sexuais, mas mais do que isso devem ser incluídas, procurando uma “coesão social” (Vieira & Vieira, 2016, p. 31). Trata-se de algo que a mediação pode alcançar, quando esta for incutida como cultura (Torremorell, 2008, p. 76).

Por outro lado, aqueles que não se afirmam têm medo dessa mesma sociedade. É o medo da sociedade que retrai e limita a sua liberdade sexual, bem como a sua vivência em pleno. “O resultado é possivelmente melhor traduzido por um 3 (1 e 1 = 3), símbolo da criação pois contém uma descoberta e racionalização que resulta da existência da interação entre pelo menos dois sujeitos” (Vieira, 2003, p. 86, cit. por Vieira & Vieira, 2016, p. 111), que no presente estudo são dois sujeitos de si mesmos. Os sujeitos diferem entre contextos. Os casos objetos de estudo, revelaram ser obrigados a viver entre dois “eus” – o “eu” de perfil heterossexual em família e sociedade, e o verdadeiro “eu” homossexual assumido em algum contexto. A junção destes dois “eus” tende, nos casos apresentados, a produzir um terceiro “eu” de revolta, incompreensão e contestação. Todos os casos aqui representados, em algum momento da entrevista, referem que não compreendem o porquê da não-aceitação por parte da sociedade. Não compreendem porque não são incluídos. Não compreendem porque têm de evitar trocar afetos na rua, ou porque é que são olhados de lado e, por vezes, insultados.

No entanto é de realçar que, quatro dos elementos estudados (Sónia, Fábria, Rui e Gonçalo), não anuem com a atitude de rejeição e tolerância por parte da sociedade. Demonstraram que, insistem na afirmação, em contexto social de conversas, discussões, ou mesmo em plena rua, optam por demonstrar que não sentem vergonha do que são ou do que sentem. Adotam uma posição de naturalidade, e por vezes, defendem a homossexualidade e procuram explicar e demonstrar outros pontos de vista sobre o assunto.

É de salientar, que as afirmações dos casos estudados decorrem numa primeira instância entre amigos. A família, em nenhum dos seis casos, foi a primeira a ser conhecedora da orientação sexual dos entrevistados. Todos eles, quando sentiram necessidade de contar e falar sobre as suas orientações sexuais, recorreram aos amigos,

e no fundo a um contexto menos íntimo, como é o caso da família. Só depois de contar aos amigos, foram capazes de se afirmar perante mães, pais, irmãos. Sobre a afirmação perante a família, nesta investigação, apurei também que, dos seis casos retratados, aqueles que se afirmaram perante a família e foram aceites e compreendidos (Sónia, Fábria e Gonçalo), tendem a revelar a sua orientação sexual a restantes membros familiares. Quando os pais aceitam o seu filho e o apoiam, o mesmo sente que não tem nada a perder perante a restante família. Por sua vez, a restante família recebe-os da mesma maneira que os pais, e todos abraçam e incluem (Zanatti, 2016, p. 23) a homossexualidade.

Para além do contexto familiar, também nos restantes contextos como colegas de trabalho e escola, tende a existir uma afirmação, que a meu ver, é influenciado pela aceitação entre família. Acredito que, o facto de sentirem que têm o apoio familiar, lhes permite agir naturalmente, e de forma mais descontraída no que respeita à descoberta da homossexualidade por outros.



## CONCLUSÕES

Antes de qualquer nota conclusiva, expresso o meu contentamento por ter iniciado este percurso num mestrado tão rico, inclusivo e singular. O Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social veio a revelar-se, não só um “poço” de conhecimentos, mas também um contexto onde, o apoio e dedicação estiveram sempre presentes junto dos estudantes. Para além de um mestrado, foi um caminho de introspeção, reflexão e crescimento enquanto ser humano. Foi ir mais além através da mediação e da atitude hermenêutica. Assim, foi possível percorrer e alcançar o produto final aqui presente, sob a forma de uma investigação.

A presente investigação visa uma compreensão holística e hermenêutica dos comportamentos de afirmação homossexual estudados. Assim, como cada caso é um caso (Guerra, 2006), não será possível fazer uma generalização das informações e conclusões obtidas, para todos os homossexuais.

Com o presente trabalho, foi possível compreender seis posturas de afirmação homossexual e de que forma são sentidos e vividos. As conclusões assentam, essencialmente, numa componente intrapessoal de reflexão dos intervenientes estudados mas também sobre os contextos familiares e sociais.

No que refere aos contextos de afirmação da homossexualidade, nos casos apresentados e estudados, a família foi sempre o segundo contexto a ter conhecimento das diferentes orientações sexuais. Todos eles, quando decidiram afirmar a sua orientação sexual, em primeiro lugar recorreram aos amigos. Ainda relacionando com a família, constato que, dos seis casos apresentados, três (Sónia, Fábria e Gonçalo) sendo compreendidos no seio familiar, foram-se afirmando perante a restante família. Leva-me a concluir que, o facto de o núcleo familiar aceitar e apoiar, estimula nos três casos uma vontade acrescida de incluir a restante família. Desta feita, as suas famílias sabem e os entrevistados nunca sentiram rejeição ou discriminação por parte das mesmas.

O facto de não existir uma plena afirmação, tende a desenvolver dois “eus”. Nos casos apresentados, existe o “eu” perfil heterossexual (entre família, colegas de trabalho, espaços públicos) e, por outro lado, existe o “eu” homossexual afirmado (entre

amigos). No seguimento desta divisão dos “eus”, surge o terceiro “eu” (Vieira, 2003, p. 86, cit. por Vieira & Vieira, 2016, p. 111). Este último, tende a revelar um sentimento de incompreensão bem como de revolta perante a falta de compreensão social.

No que respeita à mediação, cada um dos casos apresentados tem a sua especificidade. Todos eles, mesmo sem terem percepção, utilizam a mediação no seu dia-a-dia, em diversos contextos. Denoto, no entanto, que Will, pelo que revela em entrevista, tem aplicado a mediação intrapessoal de uma forma bem mais profunda do que a mediação interpessoal. A meu ver, Will, tem vindo a refletir muito sobre a sua orientação e de que forma deve gerir a mesma, seja perante família, amigos e colegas de trabalho. Aparenta ser o caso com mais reservas no que respeita à afirmação da sua orientação sexual e por isso a mediação interpessoal não está tão presente.

Gonçalo, pelo contrário, tende a aplicar a mediação interpessoal mais frequentemente. Ao referir que sem problemas ou contraditamentos se afirma nos mais diversos contextos, creio que sem refletir muito, procura uma interação (Frazão, 2008, p. 32), inclusão e compreensão da parte dos outros.

Fábia, apresenta-se como um caso onde a mediação interpessoal e intrapessoal, estão igualmente presentes. Em entrevista, denotei que Fábia, procura uma compreensão e por isso reflete para consigo mesma sobre a sua orientação sexual. No entanto, esta reflexão tende a estender-se para o contexto interpessoal. Creio que existe, no caso de Fábia, uma maior maturação da sua identidade pessoal e sexual, a meu ver, tende a relacionar-se com a sua idade (26 anos). Assim, Fábia, revelou-se ser uma pessoa preponderada mas sem medos ou receios. Segura de si, da sua orientação e das suas ideologias.

Sónia, Rui e Fábio, procuram um equilíbrio. Revelaram em entrevistas que aplicam a mediação intra e interpessoal. Por vezes, refletem, traçam trajetórias nas suas mentes ainda receosas e preocupadas. Por outro lado, tendem a agir naturalmente perante diversos contextos. Parece-me existir ainda um caminho, que apesar de iniciado, ainda não está delineado no que respeita às suas afirmações e de que forma podem ser geridas e pensadas.

Como já foi anteriormente referido, concluo que a sociedade é o ponto comum entre os que se afirmam em diversos contextos e, por outro lado, aqueles que não se afirmam. Nos casos estudados verifica-se que três (Sónia, Fábria e Gonçalo), afirmam-se e defendem que a sociedade deve ver mais além e por isso agem livre e naturalmente. Nos restantes três casos (Fábio, Rui e Will), o facto de a sociedade ainda reprimir e os fazer sentir diferentes (Fonseca, 2003, p. 362), leva-os a ocultar a sua homossexualidade em público.

Apesar de tudo, “ a identidade constrói-se e reconstrói-se por meio das trocas sociais (conceição dinâmica da identidade) ” (Vieira, 2009, p. 63), e o mesmo acontece no que respeita à identidade sexual, dos casos estudados. Assim, persiste uma atitude de luta e defesa que contrapõe a atitude de tolerância que a sociedade tende a demonstrar perante os homossexuais. Reconheço a existência de uma visão transformadora (Vieira & Vieira, 2016, p. 38) dos seis elementos estudados bem como uma procura de integração (Frazão 2008, p. 32) plena da homossexualidade na sociedade.



## BIBLIOGRAFIA

- Aboim, Sofia (2013). *A sexualidade dos Portugueses*, Ensaios da Fundação Francisco Manuel dos Santos
- Agudo, V. (2008). *A Transição para a Idade Adulta e os Seus Marcos: que Efeito na Sintomatologia Depressiva?* Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação - Universidade de Lisboa, Portugal.
- Almeida, Miguel (2009). *A Chave do Armário — Homossexualidade, Casamento, Família*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Almeida, Miguel (2013). *Mães como as outras, pais como os outros. Ou o fundamental da antropologia, da história e da sociologia para entender a parentalidade de lésbicas e gays*, in VVAA, *Famílias no Plural. Alargar o Conceito, Largar o Preconceito*. Atas da Conferência. Lisboa: ILGA Portugal, 51-57.
- Amado, João (Coord.) (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2.<sup>a</sup> Edição.
- Amado, J. e Ferreira, S. (2013). *Estudos autobiográficos - Histórias de Vida*, in Amado, J. (Coord.). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 169-185.
- Bell, Judith (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Boavida, J. e Amado, J. (2006). *Epistemologia, Identidades e Perspectivas*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Bourdieu, Pierre (coord.) (2008). *A Miséria do Mundo* (7<sup>a</sup> edição). Editora vozes. (Original publicado em 1993).
- Brandão, A. M. (2004). *Sexualidades e Identidades – Reflexões em torno de algumas questões de carácter epistemológico*. Comunicação apresentada no IV Congresso Português de Sociologia: Sociedades Contemporâneas, Reflexividade e Acção, Coimbra, Portugal.

- Brandão, A. M. (2008). *Ser e Saber: (re)visitações do passado e construção das identidades (homos)sexuais*, Trabalho apresentado em V Congresso Português de Sociologia – Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e acção, In Actas do V Congresso Português de Sociologia – Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e acção, Braga.
- Cass, V. C. (1979). *Homosexual identity formation: a theoretical model*. Journal of Homosexuality.
- Flick, U. (2008). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*, Lisboa, Monitor.
- Fonseca, L., Soares, C., VAZ, J. (2003). *A Sexologia – perspectiva multidisciplinar*. Volume I. Coimbra: Quarteto
- Frazão, P., & Rosário, R. (2008). *O coming out de gay's e lésbicas e as relações familiares*. *Análise Psicológica*, 1 (26), 25-45.
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: Sentidos e formas de uso*. Estoril: Principia editora.
- Heilborn, M. e Brandão, E. (1999). *Introdução: Ciências Sociais e Sexualidade*, in: Heilborn, Maria Luiza (org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- López, F., Furtos, A. (1999). *Para compreender a sexualidade, Associação para o Planeamento da Família*, Lisboa.
- Marcus, Eric. (1999). *Será uma opção?* Lisboa: Sinais de Fogo.
- Moz, M. (2011). Miguel Vale de Almeida, *A Chave do Armário — Homossexualidade, Casamento, Família*. *Análise Social*, Vol. XLVI (2.º), 2011 (n.º 199), 374-377.
- Nodin, Nuno. (2002). *Sexualidade de A a Z*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Ocaña, I. (2007). *Adolescentes e o sexo*. Sicidea.
- Pais, José (1996). *Vivências sexuais: modos e diversidades*, Actas do III Congresso de Sociologia, Lisboa, Associação Portuguesa de Sociologia/Celta Editora.

- Quivy, R. e C Campenhoudt L.V. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Suplicy, Marta (1983). *Conversando sobre Sexo*, Editora Vozes.
- Torremorrell, M. (2008). *Cultura de mediação e mudança social*. Porto: Porto editora.
- Vieira, Ricardo (2009). *Identidades pessoais. Interações, Campos de Possibilidade e Metamorfoses Culturais*. Lisboa: Colibri.
- Vieira, Ricardo (2011). *Educação e Diversidade Cultural: Notas de Antropologia da Educação*. Ed. 1. Porto: Afrontamento e CIID-IPL.
- Vieira, Ricardo et all (2016). *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Porto: Edições Afrontamento.
- Vieira, Ricardo e Vieira, Ana (2016). “Mediações socioculturais: conceitos e contextos in Vieira, Ricardo et all *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Porto: Edições Afrontamento, 27-56.
- Vieira, Ana; Vieira, Ricardo (2016). *Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações*. Porto: Profedições.
- Zanatti A. (2016), *O Sexo Inútil*. Sextante Editora.

Outros:

Rede Ex Aequo. A origem do Movimento Civil LGBT. Acedido em maio, 20, 2016 em

<https://www.rea.pt/movimento-lgbt/>

Almeida, M. (2013). *Famílias como as outras. Ou o fundamental da antropologia, da história e da sociologia para entender a parentalidade de lésbicas e gays*.

Acedido em julho, 15, 2016 em <http://miguelvaledalmeida.net/wp-content/uploads/2013/01/Fam%C3%ADlias-no-Plural-c%C3%B3pia.pdf>

Agência Lusa (2010), *Governo veda apadrinhamento e adoção a gays em nome do desenvolvimento da criança*, Público, acedido em agosto, 19, 2016 em <http://>

[//www.publico.pt/politica/noticia/governo-veda-apadrinhamento-e-adopcao-a-gays-em-nome-do-desenvolvimento-da-crianca-1465897](http://www.publico.pt/politica/noticia/governo-veda-apadrinhamento-e-adopcao-a-gays-em-nome-do-desenvolvimento-da-crianca-1465897).

Instituto Português do Sangue (2015). *Ser dador*. Instituto Português do Sangue, acessado em agosto, 19, 2016, em <http://ipst.pt/index.php/espaco-dador/serdador>

Moleiro, R. (2015). *Adoção gay. À quarta será de vez?* Expresso, acessado em agosto, 19, 2016 em <http://expresso.sapo.pt/sociedade/adocao-gay-a-quarta-sera-de-vez=f907495>

Rede Ex Aequo. Glossário LGBT. Acessado em agosto, 20, 2016 em [www.rea.pt/glossario-lgbt/](http://www.rea.pt/glossario-lgbt/)

ILGA (n.d.). *Sou uma pessoa*. ILGA acessado em agosto, 27, 2016 em <http://ilga-portugal.pt/ficheiros/pdfs/souumapessoa.pdf>

AMPLOS (2012). *Quem somos*. AMPLOS acessado em setembro 10, 2016, em <http://www.amplos.pt/sample-page/quem-somos/>